PARA TODOS...

Pic-nic de familias do Rio na Ilha de Paquetá.

Na festa de encerramento das aulas do Collegio Bennet

Festa á Madre Superiora do Collegio Regina Cœli, na Tijuca

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

Contos do Natal

Um livro de João Luso é sempre um presente lindo. Mas desta vez os "Contos de Natal" vieram mesmo no tempo das festas. E que festas tão boas!

Dentro do volume branco e carmim quantas coisas para sentir e para pensar. Umas que riem. Outras que estão quasi chorando. Em todas um coração que bate, bate, bate. João Luso olha a vida com amizade. Elle quér bem ás creanças e á gente grande das suas historias e das suas chronicas.

Se despreza algumas é com ternura, a exemplo daquelle bom abbade que foi tambem mestre de Jacques Tournebroche.

Vamos parar com João Luso "Junto a uma vitrine"? Vejam só. Escutem:

JUNTO A UMA VITRINE

— Escute, menina... Dá-me licença ?

— Licença de que, senhor ?

— De lhe dirigir algumas palavras.

— Mas para que ?

— A menina verá. Não lhe custa nada... Nem póde haver mal nenhum...

— Desculpe, mas... isso é que eu não sei !

— Sei eu. Póde estar socegada. De resto, eu acho essa reserva, essa desconfiança perfeitamente natural... Nem deveria ser outra, perante um desconhecido, a attitude duma menina tão distincta, de tão bons costumes...

— São favores, mas...

— Vae me perguntar quem me informou quanto á sua educação e á delicadeza dos seus sentimentos... Ninguem, meu Deus ! São coisas que se notam do primeiro relance e sobre as quaes não póde haver equivoco ou duvida de especie alguma — sobretudo para os homens da minha idade. Podia ser seu pae...

— Que idade tem o senhor ?

— Cincoenta e... Cincoenta annos.

— Tem graça ! Mais ou menos a idade do meu avô !

— Já vê que me não falta experiencia da vida, das pessoas... Olho, sei logo quem é. E, sem gabolice, posso dizer que nunca me enganei.

— Talvez seja hoje a primeira vez...

— Impossivel ! E aposto como dentro de cinco minutos a menina depositará em mim toda a confiança.

— Cinco minutos ! O senhor tenciona ficar esse tempo todo aqui, ao pé de mim ?...

— Aqui... ou noutro logar. E por que não ? Os meus cabellos brancos autorizam-me a isso; o meu aspecto basta para afastar qualquer suspeita; e quem nos vir assim, junto a uma vitrine — principalmente se, de vez em quando, olharmos para dentro e falarmos como quem se refere aos objectos ahi expostos — com certeza julgará que somos velhos conhecidos, parentes proximos — e por que não pae e filha ou mesmo avô e neta, escolhendo um presente de Festas ?

— Um lindo quadro, não

— Effectivamente, quero crer que não fiquemos nada mal assim, um perto do outro... Além disso, logo de manhã cedo... a uma hora... tão honesta... E passa tão pouca gente... Tudo, portanto, nos favorece; e podemos conversar á vontade.

— Mas conversar... o que ?

— Ora... não faltam assumptos ! E então a menina que é intelligente como poucas... Gosta muito de joias ?

— Por que o pergunta ?

— Para saber.

— Deve tel-o adivinhado como as outras coisas.

— Com effeito...

— Então ?

— Queria, porém, ouvil-o da sua bocca.

— Mas, senhor, com que fim ?

— Para não passar por atrevido... ou menos respeitoso

— Nesse caso, se eu dissesse que gostava muito, mas muito...

— Eu acharia que tinha razão. E que estava absolutamente no seu papel. As joias são para as creaturas como a menina.

— Não me parece.

— Porque ainda não reflectiu bem. Toda a belleza requer a sua homenagem, que vem a ser, neste caso, o seu puro adorno. As bellas joias e as bellas mulheres foram feitas umas para as outras.

— Não ha tanto desencontro...

— Erros da vida, iniquidades do destino... que eu e os homens como eu tratamos de corrigir.

— Ah, o senhor faz isso por...

— Não receie concluir o seu pensamento. Por uma questão de justiça. Nem mais, nem menos. De certo a menina tem ouvido falar num tal D. Quixote...

— O jornal ?

— Não, o outro, o primitivo, de que esse tirou o titulo...

— Ah...

— Era um cavalleiro hespanhol, um exaltado, um inspirado, que corria mundo, a ver onde havia injustiças dos homens ou da sorte, para salvar as victimas ou lhes restituir os seus legitimos bens.

— Não lhe havia de faltar que fazer !

— Realmente... E nem sempre o acceitavam para defensor ou juiz... No entanto, não podia haver consciencia mais pura nem mais nobre coração. Era um justo e um heróe.

— E sempre desinteressado, naturalmente.

— Oh, sempre ! A sua recompensa consistia em ver como a sua intervenção castigara o vicio triumphante, premiara a virtude sacrificada...

— Tão bonito, isso !

— Pois bem, o que esse heróe antigo tentava fazer com a sua lança de cavalleiro, procuramos nós realizal-o... em summa, com um pouco de generosidade.

— Não comprehendo bem...

— Quero dizer que nos occupamos de reparar certos males e desacertos do mundo, com... emfim, os meios de fortuna que a outros faltem e a nós porventura nos sobrem.

— Por exemplo: encontram uma pessoa infeliz; dão-lhe uma porção de dinheiro — e prompto.

— Não é bem isso...

— Mais ou menos !

— Não devemos considerar tão summariamente as coisas. Ha sempre differentes maneiras de ver...

— O que ha são differentes palavras para cada um dizer o que está vendo.

— Mas, realmente, a menina exprime-se com uma graça!
— Pobre de mim...
— De momento para momento, a admiro mais. As suas idéas parecem-se tanto com a sua figura! A mesma esbelteza, a mesma louçania... e uma especie de ousadia ingenua, de angelica malicia... O que eu daria para ficar bastante tempo a seu lado, ouvindo essa voz tão fresca, tão vibrante...
— E a que chama o senhor "bastante tempo"?
— Não sei... A vida inteira... Uma tarde... Meia hora... O que a menina quizesse!
— O senhor tem uma maneira curiosa de contar o tempo...
— Não ria. O seu riso é um milagre de alegria e doçura, é uma musica do Céo... mas não á minha custa. Tenha pena. Se soubesse que impressão me está causando... Um sentimento que vem dos seus olhos, como a propria luz que elles irradiam, e me penetra, me invade, inunda a minha alma inteiramente...
— Mas escute, escute! Se me não engano, o senhor, afinal, está me namorando!
— Esse termo não se applica, póde crer, á natureza da minha emoção. Não seja injusta, confundindo-me com qualquer D. João...
— D. João? Esse, conheço-o eu!
— Conhece! Donde?
— Do cinema.
— Ah!
— Será parente do outro, o que tem nome de jornal?
— Não. Da mesma terra apenas. Ouça? Como se chama?
— Lucia.
— Eu logo vi, tinha a certeza. Lucia, a claridade, a flamma, o jubilo e esplendor da vida...
— Lucia... Fernandes.
— Bom... O sobrenome não importa. Lucia... Faça de conta que somos amigos ha muito tempo...
— Conforme. Esse "muito tempo" regula por aquelle "bastante" de ainda agora?
— Falemos sério. Imagine que eu a conheço e lhe quero... desde que a menina era creança...
— Estou imaginando.
— Ora muito bem... Vê aquella esmeralda?
— A do annel?
— Entre os dois rubis, justamente. Que tal?
— Deve custar uma fortuna, não?
— Mas não se trata disso. O que lhe pergunto é se a acha... a seu gosto.
— Ahi está uma coisa que eu nunca me pergunto a mim mesma.
— Como assim?
— Habituei-me a gastar só daquillo que posso ter esperança de possuir... O resto... olho, aprecio, posso até admirar... Mas não vou além disso.
— Reconhece, em todo caso, que é uma esmeralda lindissima.
— Sim...
— Que encanto de côr, hein? Que alegria... que poesia... Dir-se-ia um sonho feito gemma, uma esperança crystalizada!
— Sim...
— Pois bem: quere-a? E' sua.
— Não senhor, não quero.
— Por que? Imagine, repito, que são as Festas dum velho amigo da sua familia, uma especie de parente que a viu, á menina, no berço e desde então lhe dedica cada vez maior affeição... Imagine...
— Não posso. Porque então tinha de imaginar uma serie de presentes, em todos os Nataes, todas as Paschoas, todos os meus anniversarios, a começar pela argola de marfim com o guiso de prata e a acabar neste annel de esmeralda... E' muita coisa. Não posso!
— Fale sério...
— Palavra! Precisava de pôr todos esses objectos em fila desde o berço, lá em casa, até aqui a esta vitrine, para me convencer, me resolver a acceitar a sua offerta...
— Lucia!
— ...que nem por isso agradeço menos, póde crer!
— A menina está praticando... uma crueldade.
— Nossa Senhora! Nunca me accusaram de semelhante coisa!
— Uma verdadeira crueldade. Porque, emfim... eu sei porque a menina recusa esta simples lembrança...
— Se ha outro motivo além do que expliquei, asseguro-lhe que o ignoro completamente.
— E tem talvez razão...
— Em ignorar? Mas não é de proposito, juro!

De João Luso

— Em não querer receber nada de mim. A minha idade...
— Que idéa!
— Se eu fosse um desses rapazolas, desses franganotes...
— Póde continuar. Eu não me zango!
— E, no entanto, nós valemos muito mais do que elles... Elles não têm experiencia, não pódem apreciar devidamente... Depois, são imprudentes, exigentes; fazem scenas de ciumes, vão se gabar... Ao passo que os homens da minha idade...
— Continue!
— ...medem e pesam os seus actos, assumem as responsabilidades e representam, em qualquer caso, um apoio, uma garantia. Os homens da minha idade...
— Mas o senhor fala desta maneira por modestia ou por não reflectir. O senhor não está tão velho assim...
— Oh!
— E precisa de viver ainda alguns annos para estudar e chegar a conhecer as moças do meu tempo...
— Desculpe, mas as moças do seu tempo só se distinguem das do meu por não usarem espartilho, por andarem sósinhas...
— E alguma coisa mais. Alguma coisa que ao senhor e a outros ainda causa certa perturbação e dá logar a certas confusões... A grande differença é que as de ha... trinta annos, supponhamos, se destinavam, em geral, a casar... ou a dar ouvidos aos cavalheiros idosos, junto á vitrine das ourivesarias — ao passo que as de hoje, quer esperem quer não esperem marido, sabe o senhor o que fazem, principalmente?
— Não. E, francamente, não desgostava de saber.
— Trabalham.
— Ah!
— Não baixe os olhos. Já lhe disse que não fiquei melindrada... O que o senhor fez, muitos fazem... E a bem dizer... já estou habituada.
— Escute... Perdôe-me e tire-me duma duvida, a ultima... Realmente, se a nossa conversa tinha de acabar assim, por que me não repelliu immediatamente?

— Que quer? Curiosidade. Nisto, pelo menos, se parecem todas as mulheres, de todos os tempos... Quiz saber o que o senhor me diria, se eu lhe prestasse attenção... Além disso...

— Diga, diga!

— Faltavam dez minutos para a minha hora de entrar no escriptorio, que fica aqui adiante, logo ao virar a esquina; e o continuo, que abre a porta, nunca chega adiantado... Para entreter o tempo, comecei a olhar as joias; depois, veiu o senhor, continuei a entreter o tempo...

— Foi uma lição...

— E de graça, hein? Mas espere! Não é que já passa um minuto da hora? Adeusinho, hein? E quando nos encontrarmos outra vez... já sabe!

M A T I N A L

Eu abri a janella.

E respirei fundamente a frialdade
da manhã.

Sob risadas de sinos
a cidade brincava de esconder
dentro da nevôa.

MARQUES REBELLO

T R OV A S

Cada suspiro que eu dou
é no céo mais uma asa:
ergue o vôo direitinho,
pras bandas da tua casa.

Por causa tua, Maria,
eu já nem posso rezar:
murmuro o nome da Virgem
como se a fosse beijar.

Uma estrella — Deus a guie!
lá do céo se despencou...
Era o amor que tu me tinhas
que decerto se acabou.

O canteiro do teu peito
plantei-o todo com a mão.
Sementes de amor-perfeito...
Só Deus sabe o que darão!

Dias de sol e de chuva...
Casamento da raposa...
Minh'alma, dos risos viuva,
com a tua alminha radiosa...

A sina que Deus me deu
nunca se viu coisa assim...
Tres amores, tenho-os eu,
e nenhum me tem a mim!

Dou-te um beijo... Como deve
ser milagroso esse beijo!
Das tuas faces na neve
apontam rosas de pejo.

Amores são passarinhos...
Um descuido... e lá se vão!
Vão construir novos ninhos
em um outro coração.

Eu, agora — que desfecho!
já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixo
de lembrar que te esqueci?!

Mandei botar meia sola
no meu velho coração.
Bem sabes tu quanto o pobre
andou de rastros no chão.

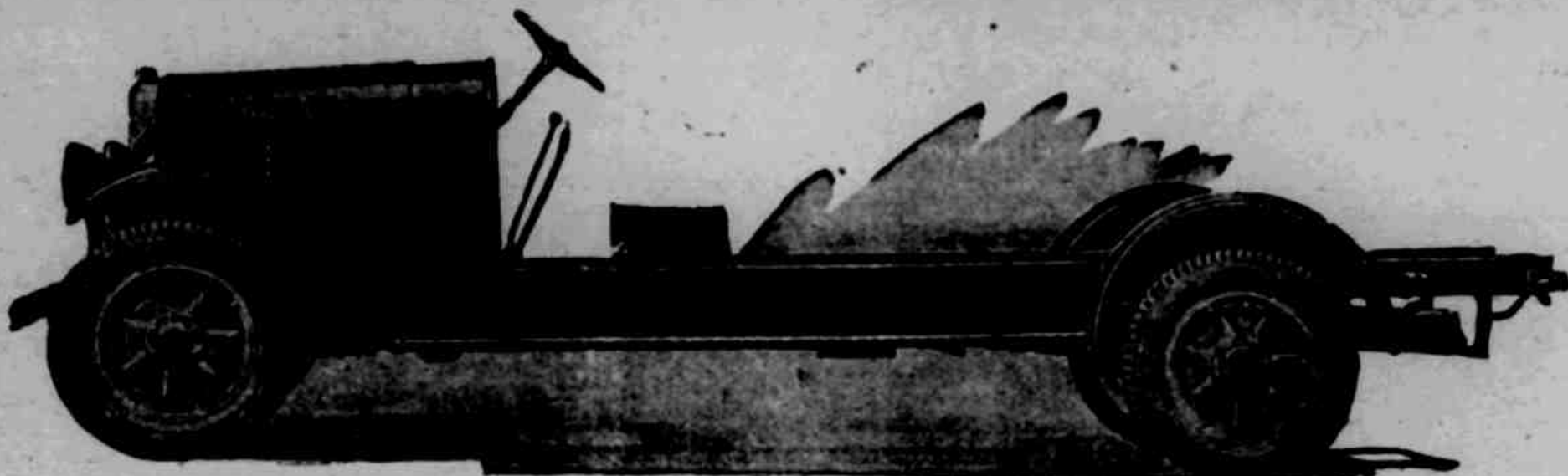
Yára dos olhos verdes
cantando em baixo das aguas...
De outro descante sei eu,
abafado pelas maguas...

Cada noite que Deus dá,
meu amor, que está no céo,
despetála uma estrellinha,
para ver se ainda o quero.

A canoooô-avirou...
Ai minhas rondas de outrora!
Agora, que ella virou...
Que hei de cantar-vos agora?

A tua voz, vinho raro
feito da luz de uma estrella,
quando tu cantas me páro
soffregamente a bebel-a.

Um filho é o Santo Menino
na materna adoração:
carrega o globo do mundo
na palma da sua mão.

M. M. QUINTANA.

FORMIGAS

(Para Hekel Tavares)

Aqui ainda não vi, mas, lá no Norte,
Ha uma formiguinha,
Assim pequenininha,
Conhecida por "formiga doida",
Nada faz.
E' o symbolo da *paz*
E... da preguiça.
E' incapaz
De arrastar um mosquitinho só.
E' como eu...

Aqui tambem não vi, mas, lá no Norte,
Ha outra formiguinha,
Tambem pequenininha,
Conhecida por "formiga preta",
Morde e coça.
E' o symbolo da luta
E do trabalho.
E' bem capaz
De arrastar uma barata inteira.
Não é como eu...

ROCHA LINS

Clinica Medica de Para Todos...

HEMORRHAGIAS OCULARES, NO HYPERTHYROIDISMO

Apresentando nos "Annales d'Oculistique", algumas observações referentes a recidivas hemorrhagicas do vitreo, os **Drs. P. Jeandelize, P. Bretagne** e **G. Richard** destacam os tres principaes caracteristicos pathologicos, encontrados entre os enfermos:

1° — Grande perturbação funccional thyroidiana, evidenciada por uma indubitavel hyperthyroidia;

2° — Insufficiencia renal, mais ou menos pronunciada;

3° — Hypertensão arterial que se manifestava francamente até com a pressão minima.

Procurando verificar si os referidos symptomas se ajustavam ao quadro pathologico do hyperthyroidismo, aquelles tres medicos recorreram aos trabalhos de outros observadores, taes como **Parhon, Goldstein** e **P. Emile Well**, e chegaram a conclusão de que effectivamente o hyperthyroidismo contribue para semelhantes estados hemorrhagicos, bem como que os portadores do "mal de Basedow", conforme recentes pesquizas de **Verain**, apresentam perturbações renaes um pouco intensas, tornadas, algumas vezes, muito perigosas.

Taes elementos, entretanto, não bastam para accusar formalmente o hyperthyroidismo, como responsavel pelas hemorrhagias do vitreo que, aliás, não são raras, entre os adolescentes.

Si o hyperthyroidismo, porém, fôr verificado, é conveniente prescrever uma therapeutica racional, — hematoéthyroidina e extracto hypophysario, medicações que sempre obtiveram grande exito, no tratamento do "syndrome de Basedow", quando empregadas sob o methodo alternativo, durante regulares periodos successivos, para que o organismo não se habitue aos seus effeitos.

A verificação do exaggerado funccionamento da thyroide não exclue a possibilidade de um tratamento anti-syphilitico, para combater as recidivas hemorrhagicas do vitreo. Deve-se ter sempre em vista que o hyperthyroidismo póde ser a consequencia de uma syphilis hereditaria completamente ignorada. Isso mesmo constataram, em dois de seus enfermos, os **Drs. Jeandelze, Bretagne** e **Richard**. E, estando reconhecida a causa do hyperthyroidismo, nada impede que se prescreva a medicação racional, adequada a supprimir, de uma vez por todas, essas crises hemorrhagicas soffridas pelo vitreo.

CONSULTORIO

C. L. (São Carlos) — Escollha alimentos de facil digestão. Use: tintura de noz vomica 1 gramma, tintura de genciana 3 grammas, tintura de condurango 4 grammas, extracto de sodio 10 grammas, xarope de hortelã 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro, — meio calice de 4 em 4 horas. Depois de cada refeição principal use uma colher (das de café) do "Elixir Spark", num pouco dagua fria. A mamã deve usar: sub-azotato de bismutho 4 grammas, magnesia calcinada 5 grammas, carvão naphtolado 5 grammas, salol 6 grammas,—divididos em 18 capsulas, das quaes tomará 3 por dia. Depois das refeições, deve usar "Kola Granulada Astier".

E. NUNES (Rio) — Dê á creança: digaleno 10 gottas, tintura de lobelia inflata 30 gottas, benzoato de sodio 3 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 15 grammas, xarope de codeina 20 grammas, xarope de angico 130 grammas, xarope de tolú 200 grammas — uma colher (das de sobremesa) de 3 em 3 horas. Dê tambem "Nucleatol Granulado Robin" — uma colher (das de café) num pouco dagua, depois de cada refeição principal.

ALDA (São Paulo) — Pela manhã, prepare o seguinte remedio: pó de semen — contra 6 grammas, folhas contusas de herva de Santa Maria 6 grammas, leite fervendo 200 grammas. Coberto o vaso, em que preparar o remedio, deixe-o esfriar e, depois de coado, administre-o á creança que deverá estar em absoluto jejum. A's 2 horas da tarde, faça a creança tomar este purgativo: chloroformio 8 gottas, oleo de ricino 20 grammas, xarope de hortelã 20 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 20 grammas, gomma arabica em pó, quantidade sufficiente para emulsionar o oleo.

SONIA (Rio Claro) — Póde fazer os exercicios de gymnastica e usar a pasta referida. Depois de cada refeição, use a "Lecithina Granulada, do Dr. Clin.

AGUIAR (Cabo Frio) — Lave a cabeça, uma vez por semana, com sabonete de acido boricó e applique diariamente a seguinte loção: azotato de pilocarpina 50 centigrammas, tintura de cantharidas 8 grammas, glycerina 30 grammas, agua de Colonia 100 grammas. Internamente use: metavanadiato de sodio 5 centigrammas, glycero-phosphato de sodio 10 grammas, arseniato de sodio 5 centigrammas, elixir de Garus 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal. Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com a "Seroferrine Chevretin".

DR. DURVAL DE BRITO

PEQUENOS POEMAS

U M T O S T Ã O

— Mario qué um tutão, pai.
— Um tostão?... E prc que?...
— Mario qué compá lua.
— E o Mariozinho que fará com a lua?
— Mario joga futibó.

WALKYRIA NEVES GOULART

卍

A L V O R E C E R

Brincam as luzes nas aguas
Tri-lá-rí-lá-rí-trí-lá-rí-lá-rá.
Dansam as folhas, redansam
Dansam as aguas, rodando
Largos vestidos de prata.
As luzes dansam nas sombras
Entre as sombras e entre as folhas
Tri-lá-rí-lá-rí-trí-lá-rí-lá-rá.
Chia um psío que espia...
Olhinhos de curupira
Ciranda de mãos cipós
Rodopia, rodopia...
Rodopia o pó,
Rodopia o céo,
(Aguas, folhas, sombras, galhos)
Tri-lá-rí-lá-rí-trí-lá-rí-lá-rá.
Alvoradas, alvoradas...
Crystaes...
Melifluas frautas de prata,
Matinas claras na matta...
Brincam as luzes nas aguas...
Tri-lá-rí-lá-rí-trí-lá-rí-lá-rá.

JORGE SALIS GOULART

卍

V E R S I N H O

Você é uma mulher ligeira
que por mais que a gente queira
não póde pegar na mão.

Se escapa da mão da gente
que nem as corças se escapam
das balas, lá no sertão.

Você corre mais que tudo:
que as flexas dum botocudo,
que o meu cavallo alazão...

Que as correntesas do rio,
que um automovel dos grandes,
que o vento-sul, que o tufão.

Mas, tudo na vida cança,
até mesmo a esperança,
— diz o povo com razão...

E um dia você se cança...
e eu pego você e prendo
dentro do meu coração.

NOBREGA DE SIQUEIRA

A Ç U D E

(A' senhorita Zenaira Aranha, a mais fina interprete da alma gaúchesca).

Quando apparece, no meu pensamento,
A imagem linda lá do meu rincão,
E o pingo caborteiro
Que é a recordação
Vem beber a agua triste da saudade,
Eu creio que os meus olhos são açudes
E que a taipa delles é o meu coração.
Então recordo uma varzea grande
— Grande e bonita —
Lá da minha terra
Onde existe um açude velho
Que o Bello e a Tristeza encerra.
Quando a lua o fita,
Da varzea azul do campo do Senhor,
Tem ondulações dum poncho branco
Que se agita
E meneios de chinoca enamorada.
E suas ondinhas,
Pequenas e amontoadas,
Parecem um rebanho de ovelhas
Bem branquinhas...
Quando o minuano sopra
Gélido e cortante,
As suas aguas num bater constante
Soluçam então na velha taipa
A tristeza saudosa da tapera.
Velho açude!
Minha lembraça para ti é toda afago
Pois sei a lenda que contam de tuas maguas:
Um gaúcho que morreu longe do pago
Vem chorar
No barulho de tuas aguas...

(Rio)

SERAFIM VARGAS

卍

EU TENHO SAUDADE DELLA

Quando eu era pequenino tinha uma namorada:
Collega da mesma escola.
Eu tenho saudade della.
Eu era o mais intelligente... e ensinava sempre ella.
Eu tenho saudade della.
Um dia ella me disse:
— Eu gosto muito de ti!...
Quando nós dois crescermos havemos de nos casar e...
teremos um filhinho que chamaremos:
— Mimi.
Quando disto eu me lembro:
— Eu tenho saudade della.

.. ..

Muitos annos se passaram.
Ella... ella se casou com um commerciante muito rico;
Eu... eu sou um rapaz pobre, porém, me sinto feliz;
E ella...
Eu tenho muita pena della!...
Eu tenho saudade della.

GUIMARÃES MARTINS

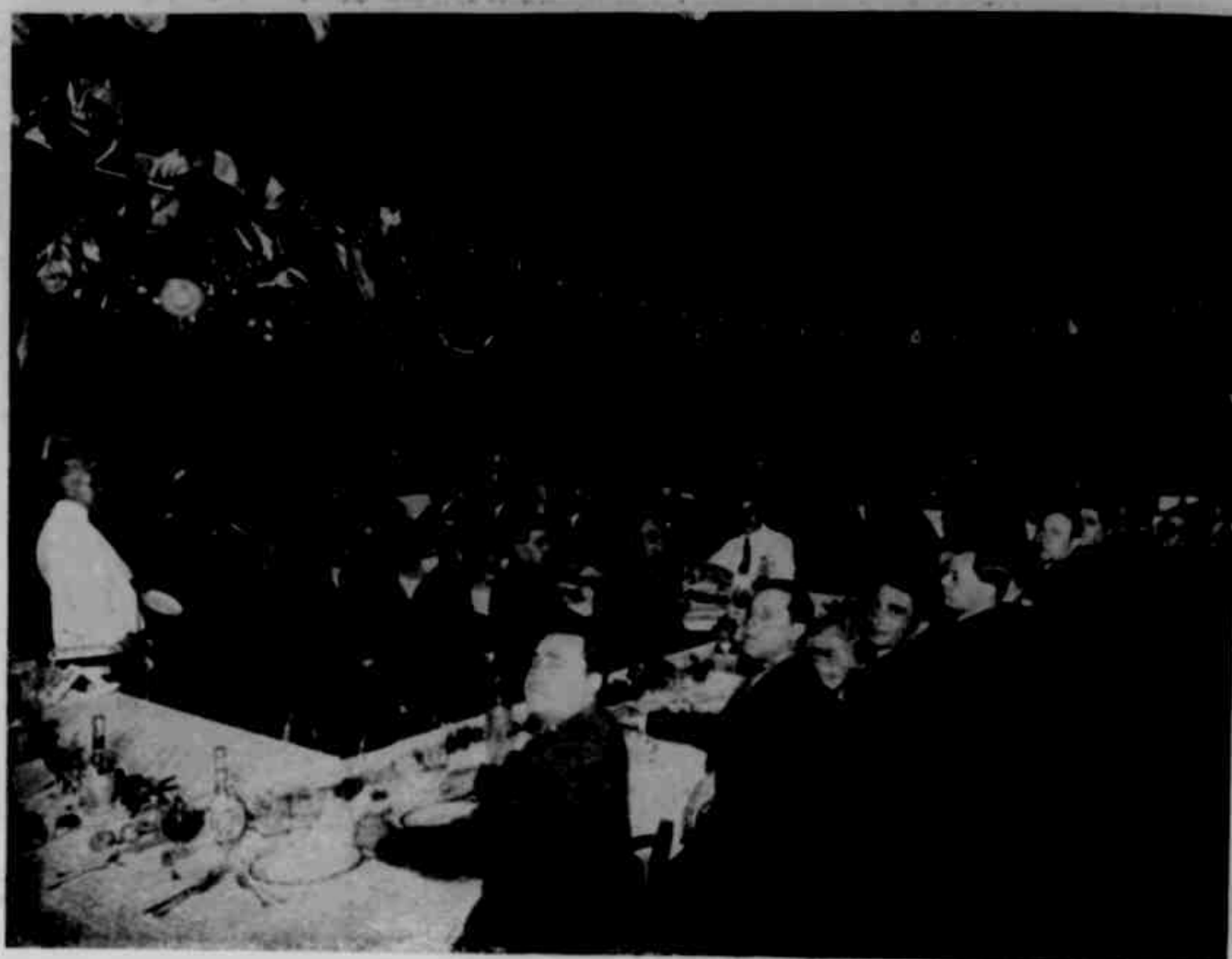
Franz Kohout

UM REMEDIO EFFICAZ CONTRA O PELLO

São muitas as damas que sabem como proceder para conseguir uma temporaria desapparição dos pellos que as enfeia. Mas, em compensação, poucas são as que conhecem o remedio que produz resultados definitivos. Este remedio é o porlac puro, pulverisado, substancia que é facil achar em todas as pharmacias. O porlac é applicado directamente ás partes affectadas pelos pellos. Este tratamento não só provoca a sua instannea desapparição, como tambem impede o seu reapparecimento, dado que em um tempo relativamente curto, produz a morte e a quéda das raizes pilosas.

Na ultima viagem do "Bagé", da Europa para o Brasil, a senhora Walser, o senhor Bornemann e o immediato daquella unidade do Lloyd Brasileiro.

Alumnas do Collegio Americano Baptista, de Recife

DESENHO REGISTRADO
Sahindo para a Festa
V. Exa. será a rainha da festa: já pelo delicioso perfume!
Ora essa! Não é perfume, é Agua de Colonia!
Ah já sei, é daquelle frasco com etiqueta "azul e ouro."
Pois sim, é a legitima Agua de Colonia Nº 4711.
Nº 4711. Agua de Colonia

Jantar offerecido pelos italianos do Rio de Janeiro ao consul Comm. Ludovico Censi e ao vice-consul Cav. Uff. Dr. Ruggero Pentagna, no Lido, em Copacabana.

Modelo de quarto de vestir

O escriptor Lane de Lacerda quando tinha um anno, ha muitos annos.

IRMANDADE DA CANDELARIA

Solange e Nalinge, filhas do Dr. Eurico de Souza Leão

'A venda em toda parte

19 — JANEIRO — 1929

Historia rapida de uma "black-star" sem historia

Eis aqui um dos encantos mais vivos dos meus olhos brasileiros e ardentes: conhecer Josephine Backer, a "black star" que ensinou ao mundo os segredos modernos e diabolicos do "charleston".

Não foi em Nova York que eu a conheci. Nem em Paris, onde ella lançou o "charleston". Nem na Côte d'Azur, onde ella quer viver. Não foi tambem em Saint Louis de Missouri, Bernard Street, onde ella nasceu. Eu conheci Josephine Backer numa capa excitante de revista americana de elegancias. Depois, encontrei-a, uma noite, por acaso, num detestavel "film" francez, ali no salão horrivel do Parisiense. E, uma noite dessas, tive a alegria de revel-a, de passagem, num "film" do Pathé-Palace. Mas comprehendel-a, eu só a comprehendi ha pouco, nas paginas deliciosas das suas "Memorias". Foi só então que eu pude comprehendel-a e admiral-a. Porque eu tenho lido poucos livros tão pittorescos como esse que Josephine Backer publicou, — e sabe Deus quem foi que escreveu...

Nas suas "Memorias" a bailarina negra que ensinou a Paris os rythmos malucos do "charleston", conta coisas curiosissimas.

Por que se fez ella bailarina ? Simplesmente por este motivo simples: porque nasceu numa cidade fria e porque sentiu frio durante toda a sua infancia.

Entretanto — paradoxo singular ! — Josephine Backer só sabe dansar núa...

Quaes os modelos choreographicos que ella prefere e imita ? As bonecas de panno (que não têm vertebras) e os animaes livres do campo (que não sabem musica).

E, depois, detesta Pavlova e gosta de lêr Diccionarios.

O primeiro ensaio da sua revista negra no theatro dos Campos Elyseos foi uma coisa inolvidavel. O "charleston" era ainda desconhecido. E quando Josephine Backer começou a dansal-o — escandalo ! — todos os empregados do theatro — coristas, bailarinas, machinistas, etc. — abandonando os seus affazeres, tomados de subita loucura, começaram a tentar imital-a, dando patadas no soalho do palco... Estavam possessos ! O "charleston" collocara-lhes formigas dentro dos sapatos e das calças... "Yes, sir, that's my baby"...

De todas as cidades do mundo ella hoje recebe chamados e propostas. Vienna offereceu-lhe mil dollars por contracto. O "Embrasy Club", de Londres, telegraphou-lhe : "Venha quando quizer e peça a somma que desejar". Ella disse: não. Systematicamente — não. Não — a Amsterdam. Não — a Bucarest. Não — a Buenos Aires. Absolutamente, não ! Mas, por fim, foram tantas as insistencias de Vienna, que ella deliberou dizer — sim. E fez contracto com um emprezario austriaco. Antes não tivesse transigido. Foi ahi que encontrou ella a melancolia de uma decepção. Vienna torceu-lhe a cara ! A Venus de ebano, cuja nudez exotica fascinando Paris, lhe déra fama universal, encontrou inesperadamente um sério obstaculo em sua carreira triumphal. Vienna, indignada, rubra de pudor e colera, deante do annuncio da estréa da bailarina núa, gritou: — "Não póde !" A alegre cidade, que nunca teve pruridos puritanos, vétou a nudez negra de Josephine Backer, e negou-se resolutamente a ver a grande "black-girl" de Saint Louis do Missouri dansar núa as suas dansas exoticas. Vienna recusou o prazer que lhe offerecia generosamente, com o encanto de suas curvas harmoniosas, essa esculptura negra, que, ao rythmo epileptico do "charleston", sabe desarticular a sua nudez perfeita deante das platéas delirantes...

E Josephine Backer, com o gesto inesperado de Vienna, ganhou um delicioso capitulo novo para o segundo volume das suas "Memorias".

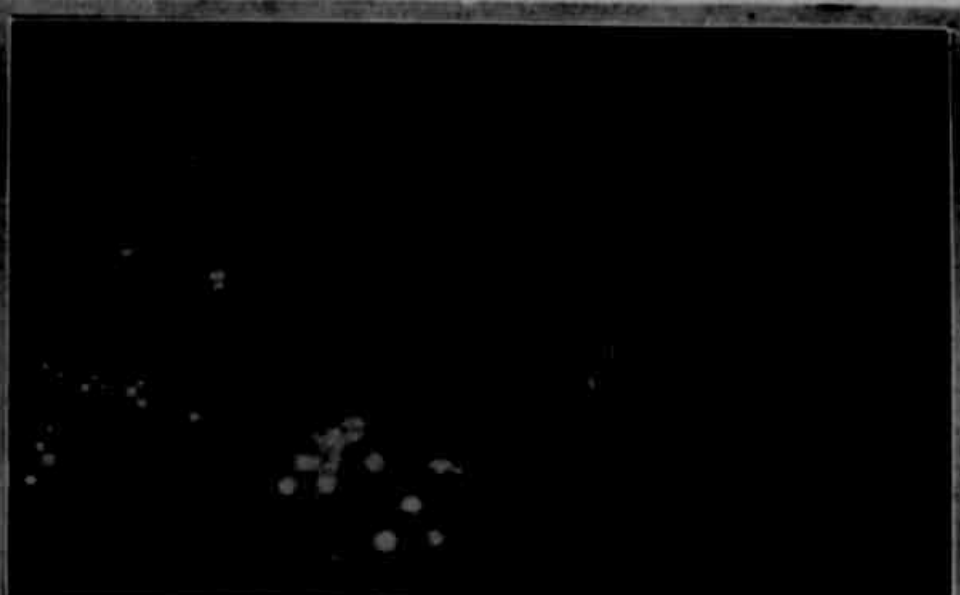
Vamos esperar o livro, já que Josephine Backer só póde vir por cá em "fitas" — e "fitas" ruins. E é pena. Porque ella é tão interessante... "Very beautiful and funny ! !...

PEREGRINO JUNIOR

Panorama da Enseada de Botafogo, tomado da Praia das Saudades.

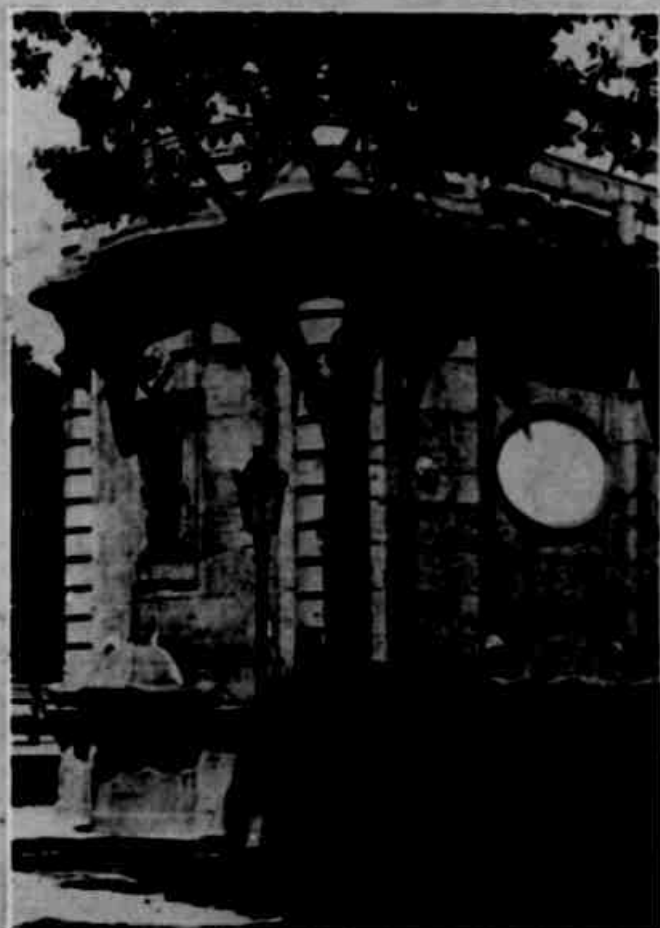
Terra ..... Carioca

Um recanto do atelier do pintor Antonio Parreiras.

O Rio de hoje

A avenida á noite

Terra Carioca

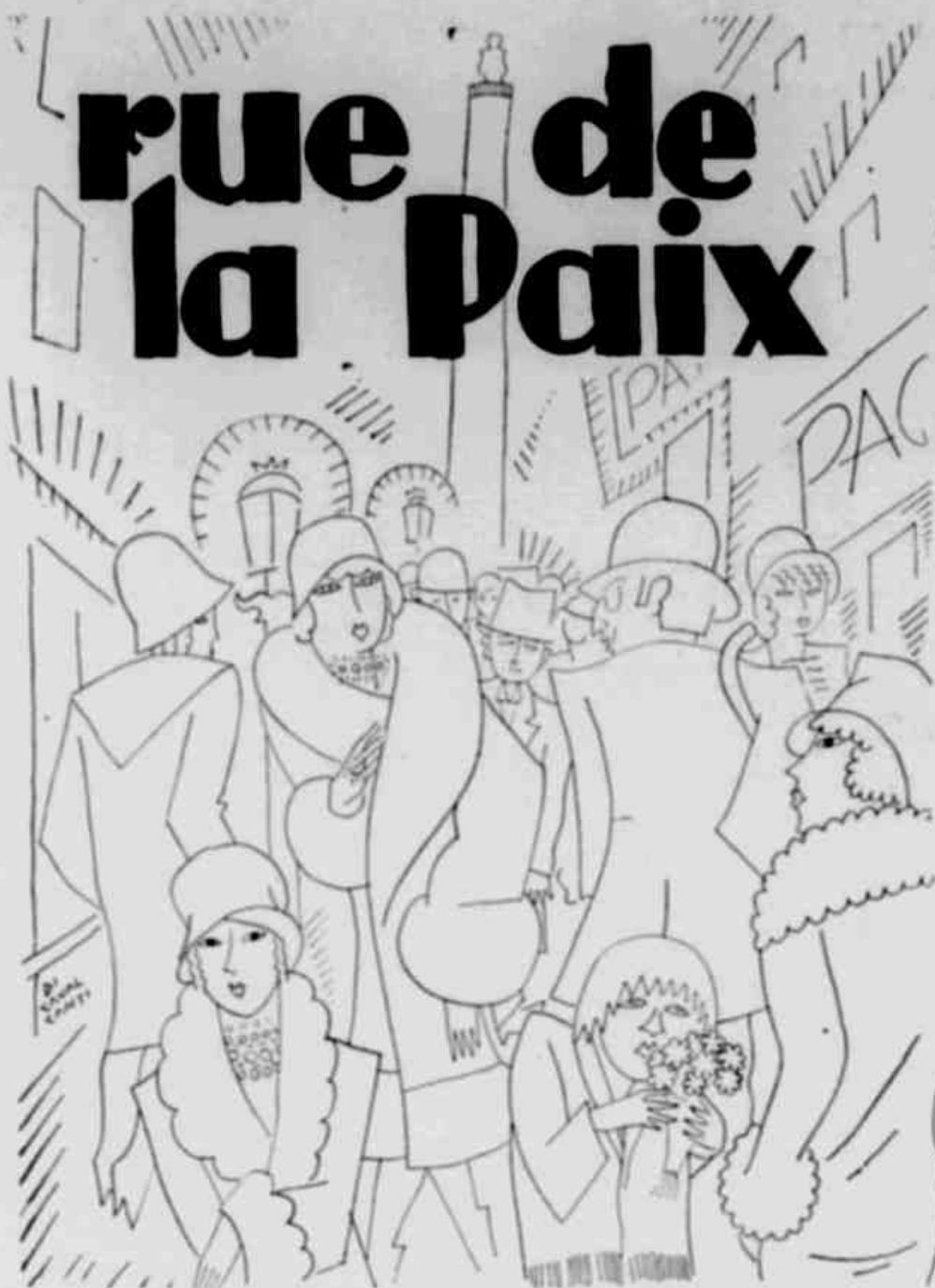
ASPECTOS DA CIDADE

DO TEMPO COLONIAL

O calor das cinzas

— Esta pequena não sei o que pensa a meu respeito. Vem todo dia a meu lado no mesmo omnibus.

— E' ella mesmo quem procura o teu banco ?

— Não Sou eu.

(Desenho de J. Carlos)

A rue de la Paix ? Oh, como este nome faz bater o coração de todas as mulheres ! Neste mesmo instante, em Tombouctou (o Sr Paul Morand acaba de chegar de lá, e quem duvidar póde interrogal-o) uma senhorita negra, de boa familia, educada num collegio de brancos, folheia uma revista de modas de Paris e sonha com esta rua . No Canadá, numa cidadezinha perto do polo, a mulher de um negociante de pelles pensa em Paquin . Na Australia, no "cottage" de um criador de carneiros, certa creatura suspira olhando um catalogo em que ha um collar de perolas maravilhosas... Em Goyaz ou na Patagonia uma mocinha pallida lê uma chronica de modas e idealisa Jean Patou . Na Siberia... Porém, onde vamos nós ? Esta enumeração de continentes parece o scenario de um romance do Sr Maurice Dekobra. Nem estas linhas pretendem ser um compendio de geographia.

Da esquina do boulevard des Capucines olho a pequena rua que vae acabar logo ali adiante na praça Vendôme, onde se ergue a columna esguia para o céo brumoso. Cáe a noite sobre Paris. Os combustores accendem-se. As vitrinas começam a irradiar. Caminha-se dentro de uma grande luz artificial.

Aquelle senhor, lento, irreprehensivel, de monoculo, polainas claras, bengala fina, luvas côr de cinza, chapéo de velludo, é um principe ou um "escroc" ? E' um elegante de Paris, simplesmente. Vem vindo pela calçada, jogando olhares distrahidos para as vitrinas e para as mulheres. Ellas passam, friorentas, envolvidas nos mantôs. Saem dos costureiros, dos joalheiros ou dos perfumistas celebres desta rua. Os mestres do vestido, do bracelete ou do perfume são famosos como homens illustres. E quanto membro da Academia Franceza desejaria ter a voga, por exemplo, do Sr. Jean Patou ! O Sr Maurice Paleologue, que acaba de ser recebido "sous la Coupole", é mais obscuro em França do que o Sr. Paquin. Ah, quebremos a penna e vamos todos fazer vestidos... na rue de la Paix !

Quantos milhões numa vitrina como a deste joalheiro que ali está ! Dentro de paredes forradas de negro, alguns diamantes atirados sobre uma almofada de velludo. Nada mais. O bom gosto, a medida, o effeito seguro e discreto, tudo que representa muitos seculos de finura, de exercicio quotidiano da arte nas cousas minimas, estes negociantes sabem fazer... Uma vitrina da rue de la Paix é digna de se ver como uma obra de arte.

A multidão elegante circula. Automoveis luxuosos param, silenciosos; saltam creaturas bellas acompanhadas de negligentes millionarios. Vão assistir a uma secção de modelos, esses modelos dos grandes costureiros, mulheres que representam perigos incontestaveis para as clientes, pois, parisienses pobres e graciosas, á força de vestirem toaletes ricas acabam por tomar attitudes de viscondessas melancolicas. Ha maridos que compram os vestidos para as esposas; e compram os modelos... para elles proprios.

Rue de la Paix... Pedras preciosas, velludos, objectos de arte, perfumes, telas, estatuetas, leques, o enfeite da moda, o chapéo da moda, a ultima creação da fantasia de Paris... Tudo que Paris organiza para encanto dos olhos, do tacto, do olphato... Esta rua, então é que é a rainha da moda, é que domina o mundo ? Os grandes homens vistos de perto costumam perder a magia. Com as ruas ás vezes succede o mesmo. A Rue de la Paix parecerá banal aos desprevenidos, porque é pequena e no fim de contas se parece com muitas outras... Porém, Napoleão, de perto, não passava de um sujeito barrigudinho, como outros tantos !

São seis horas. E' noite fechada. Na esquina da praça Vendôme ha um braço estendido, com um ramilhete de cravos. Approximo-me para ver de perto.

— Quanto custa ?

— Dez francos... Muito barato, compre. Compre, senhor...

Pobre corcundinha ! Terá quinze annos, esta creatura feia, com um cabello côr de estopa escorrido sobre um rosto manchado de sardas. Sorri insistindo. Não tem dois dentes.

— Você onde mora ?

Ella fez um gesto vago, apontando para incertas distancias da cidade. Torna a pôr o seu ramilhete de cravos no meu nariz, supplicante.

— Não está com frio ?

Fez que sim, encolhendo os hombrinhos magros. Nesse momento uma elegante de Paris passa perto de nós com a "fourrure" de trinta mil francos. Toma um auto que a espera. Continuam surgindo mulheres que levam fortunas nos dedos, no peito, nos braços. Os autos macios buzinam incessantes. Um policia regula o transito, marcando o rythmo com a solemne competencia de um maestro da Opera. A corcundinha está cosida á parede, tem o ultimo ramilhete de cravos (ou talvez o unico que lhe deram para vender).

— Quantos ramilhetes vendeu hoje ?

— Todos os dias vendo cinco.

— São seus ?

Que não. São da mãe della. Eu devo saber, as flores agora no inverno estão muito caras. Ganha-se pouco...

Sei sim, corcundinha da rue de la Paix. Quatro cravos vermelhos por dez francos... As flores estão carissimas... como os perfumes... os velludos... os objectos de arte... os diamantes... tudo que cerca, na noite maravilhosa de Paris, a tua corcunda, o teu cabello de estopa, o teu frio, a tua miseria...

Paris, inverno de 1928.

RIBEIRO COUTO

Desenho de Di Cavalcanti

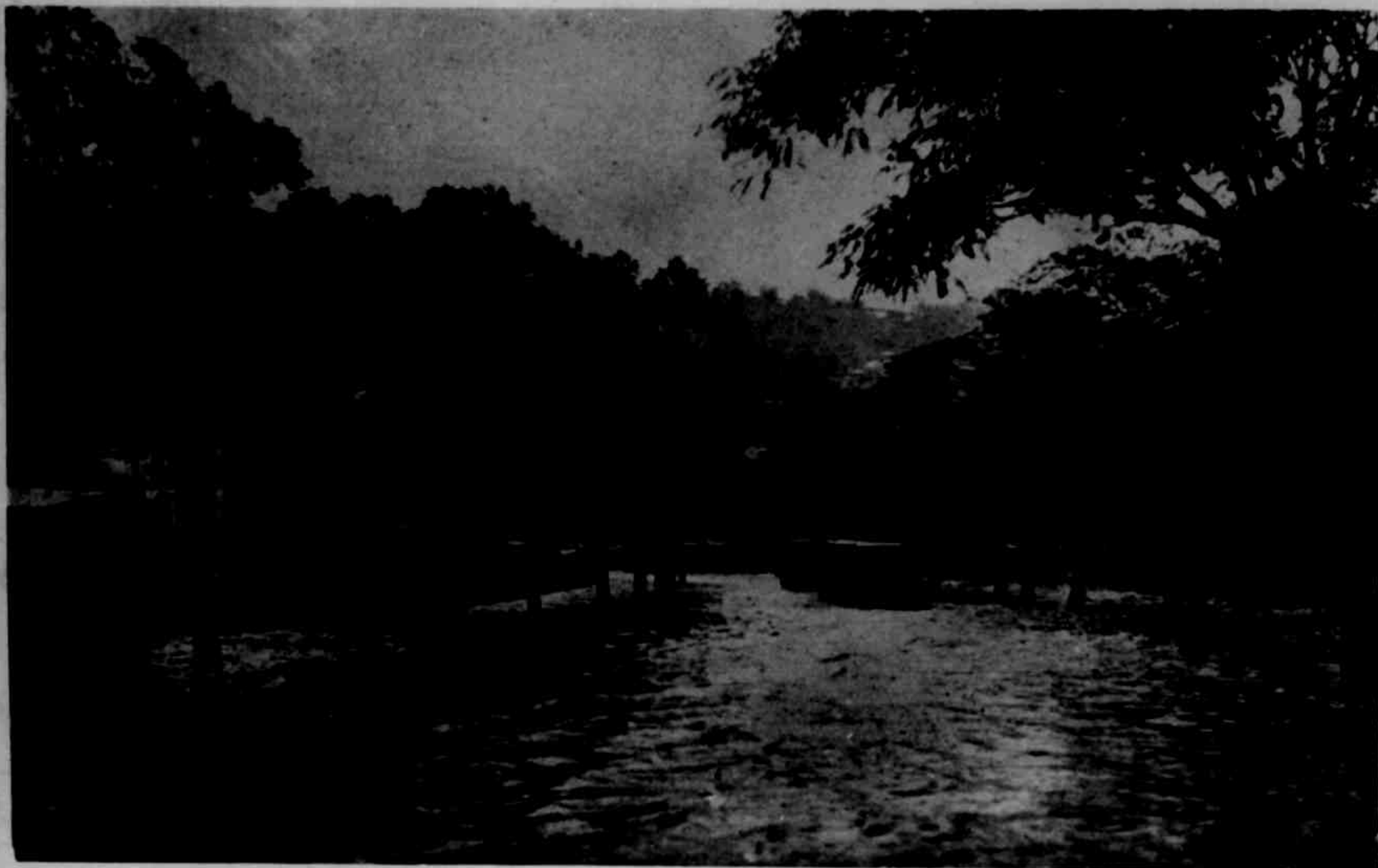
No Itajubá Hotel, domingo, antes do almoço offerecido ao Doutor Lincoln de Araujo

No Club de Engenharia, quando a Academia Pedro II prestou homenagem á memoria de Olavo Bilac.

Para a falta de educação inventaram uma desculpa na medicina: neurasthenia. Quem quizer póde ser malcreado que ninguem tem direito de protestar: é neurasthenico, precisa de injecções, de calmantes. E ahi está por que desde que se inventou isso as bengalas não trabalham mais nas costas do proximo e a bofetada ficou apenas para uso dos palhaços no circo em companhia do seu irmão menor, o pontapé. Para a falta de intelligencia ainda não descobriram explicação. Injustiça! A falta de intelligencia merece tanto quanto a outra. Pois não são as duas as coisas mais espalhadas neste mundo? Depois de numerosas pesquizas, observações, estudos longos, acho que o calor não seria fóra de proposito como perdão ás burrices de que a gente é victima. O calor perturba muito os cerebros. Eu já aprendi que a estupidez é um estado de nascença. Mas no verão esse estado se aggrava de um geito apavorante. Indulgencia, meninos! indulgencia! Elles não sabem o que fazem, elles não sabem o que dizem. E' o calor... —A...

No Botafogo F. C., sabbado passado, durante o jantar com dansas, que foi das 20 horas a 1 hora de domingo numa immensa alegria.

Esporte

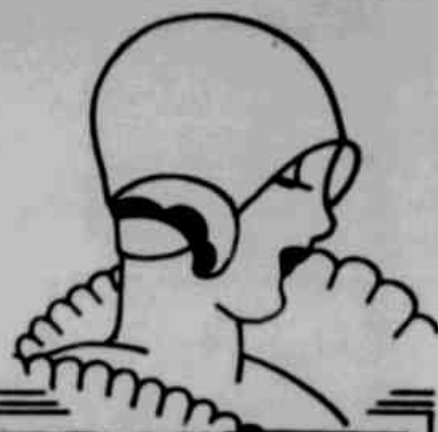
Na piscina do Fluminense F. C., antes da competição entre o Club Esperia, de São Paulo, e o Boqueirão do Passeio, do Rio de Janeiro, que venceu por 55 pontos.

Praia de Botafogo

Foi uma chuva daquellas!

Praça da Bandeira — PEDAÇOS DO RIO NO DIA 11 DE JANEIRO — Avenida Beira-Mar

Avenida Gomes Freire — Voluntarios da Patria

Senhorita Sempre-a-mesma no Amor-de-todo-anno.

ROBERTO · RODRIGUES · XXIX

Hippodromo Brasileiro

Jockey Club

EPITAFIO DE UMA DANSARINA

"Deram-me um corpo bello

e o movimento

e a graça

e o rythmo

e o sopro

e a ondulação das formas pelo vento

que esculpe as linhas todas do meu corpo"

"Puzeram-me estes olhos silenciosos,

este labio,

esta bocca onde sangra um rubi;

estes lindos e leves braços longos

que caem, como serpentes, de meus ombros,

assim;

o seio, onde só ha lugar para uma bocca,

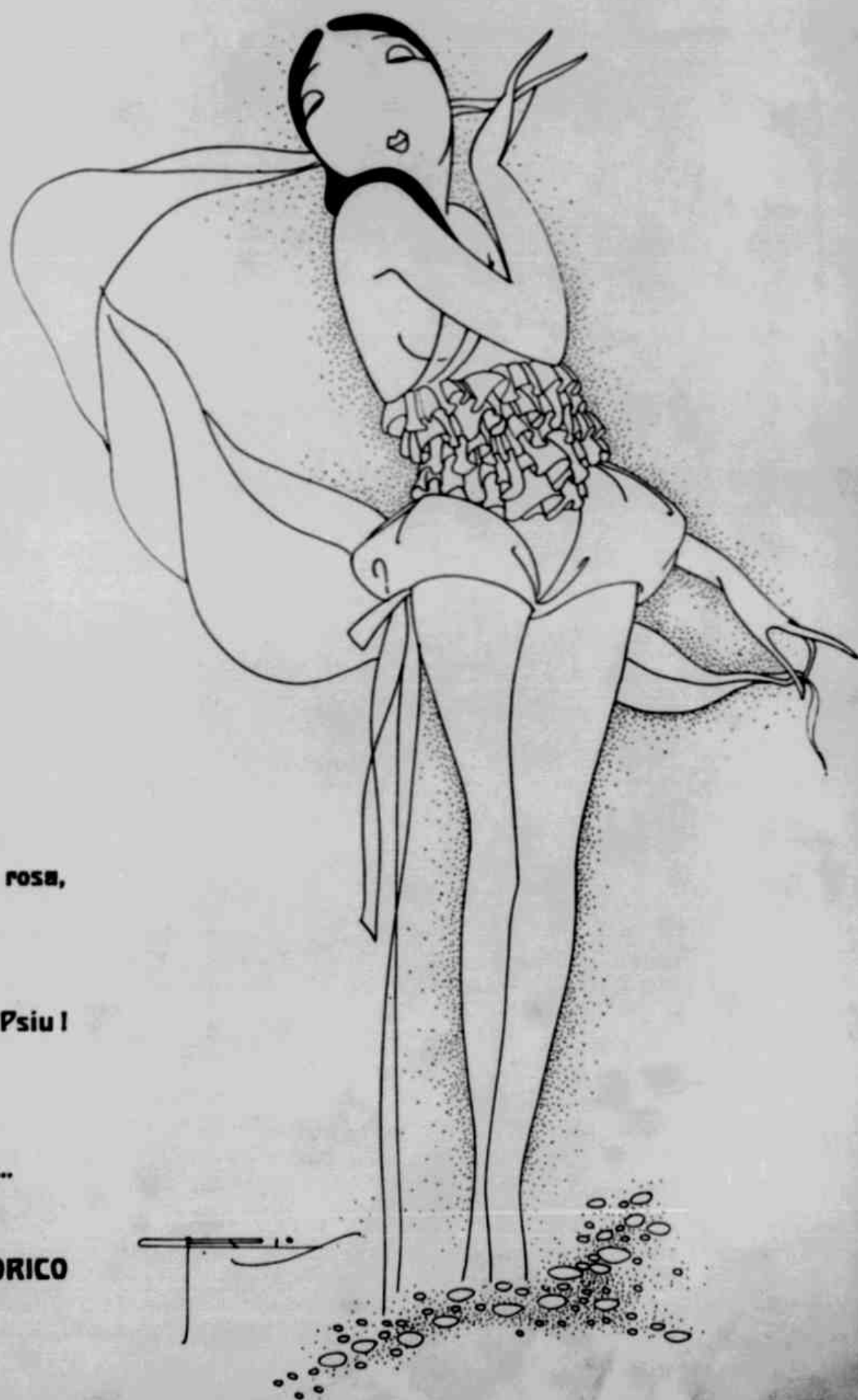
o ventre, que é de concha, o joelho que é de rosa,

e... "

Psiu!

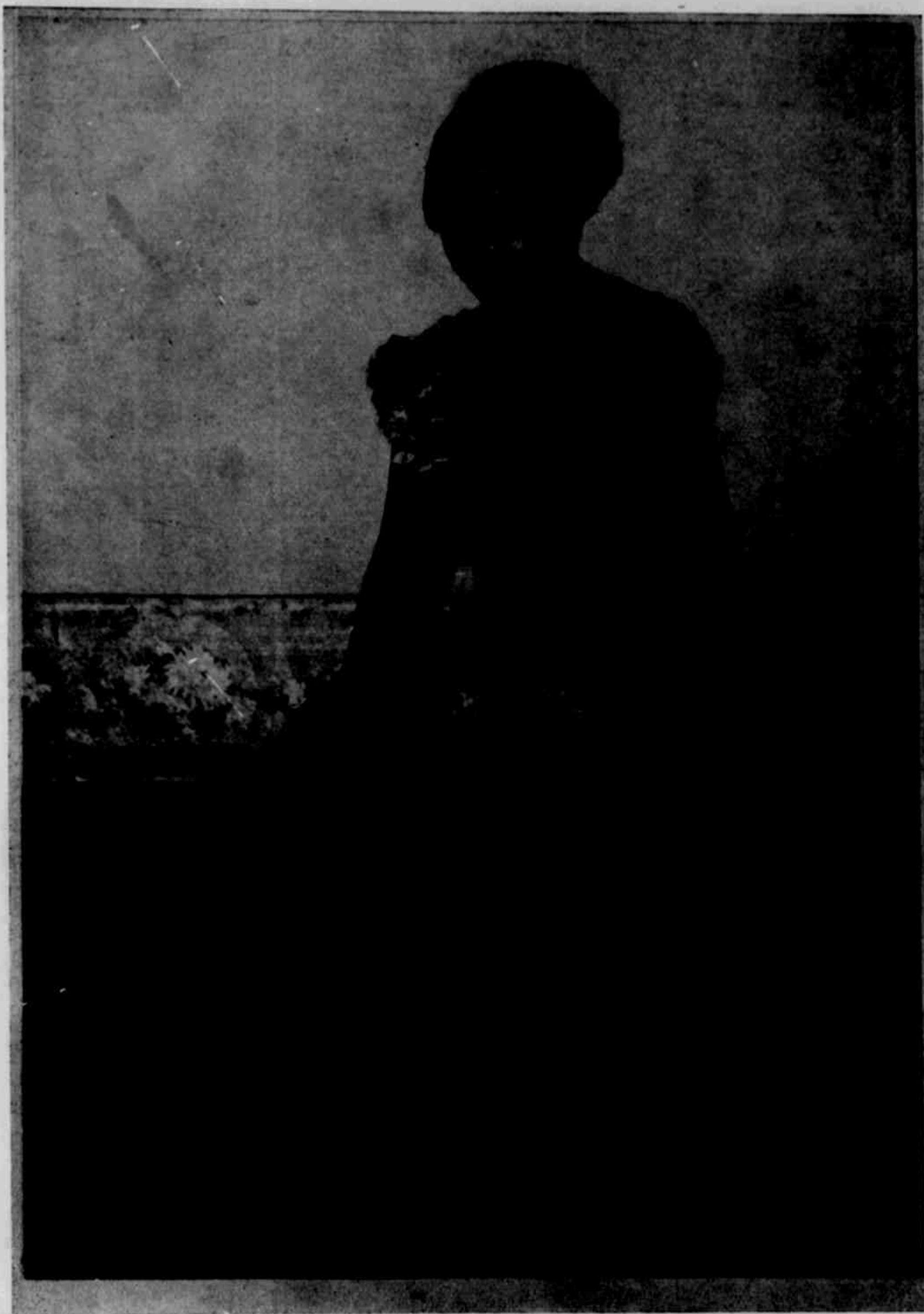
(Vem alguem na tarde rumorosa)

—Não te descubras mais, eu já te sinto toda...

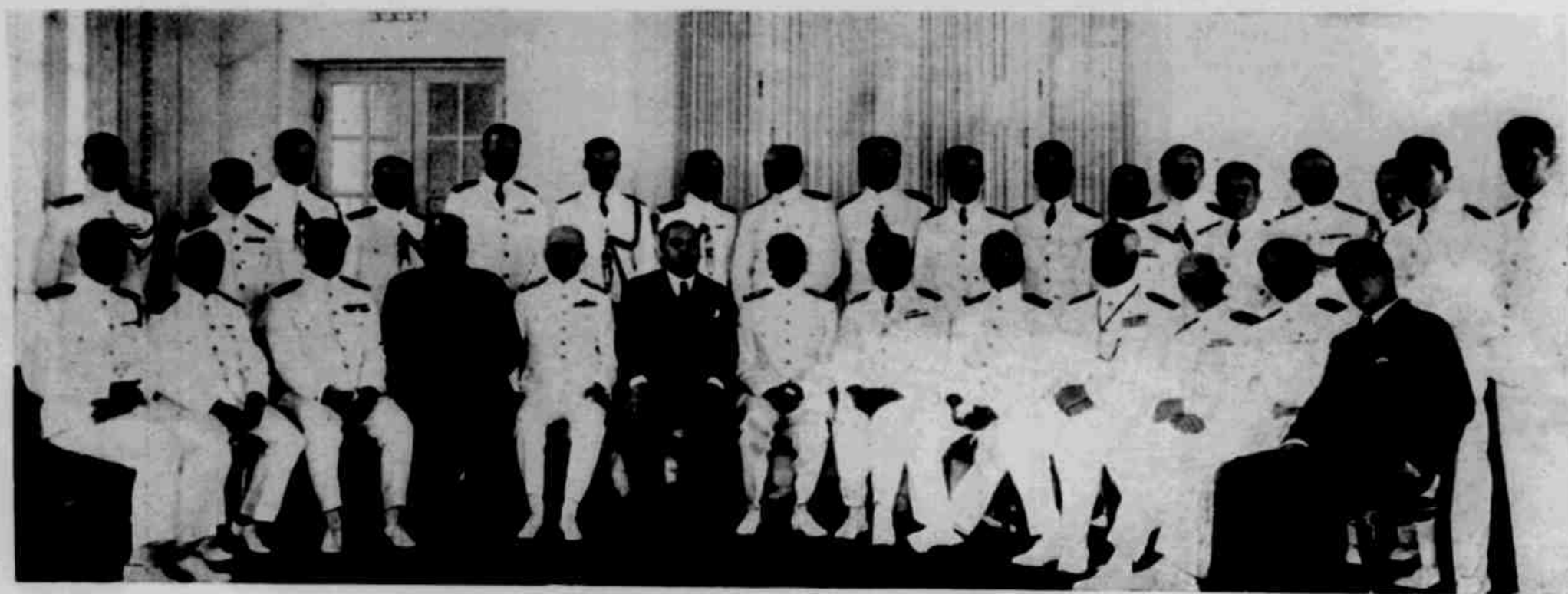
OSWALDO ORICO

Contra a Mão

CARICATURAS DE ALVARUS

FRANCISCO MORATO

ASSIS BRASIL

SENHORITA GULNARA LOBATO DE MORAES

E' de Santos. Filha do poeta Heitor de Moraes, sobrinha de Monteiro Lobato. Canta de encantar as musicas brasileiras e aquellas canções do Seculo XVIII na França. Tem 17 annos. J. M. Goulart de Andrade, que a conheceu lá onde vive Martins Fontes, diz que ella é tão linda quanto é boa e quanto é : : : : intelligente. : : : :

Na festa com que foi inaugurada a nova séde do Club Internacional de Regatas

Antes do almoço que o senhor Ministro da Marinha offereceu ao commandante e aos officiaes chilenos do navio-escola General Baquedano.

Na Associação dos Empregados no Commercio, quando foi a collação de grão dos novos contadores

AUGUSTO MEYER

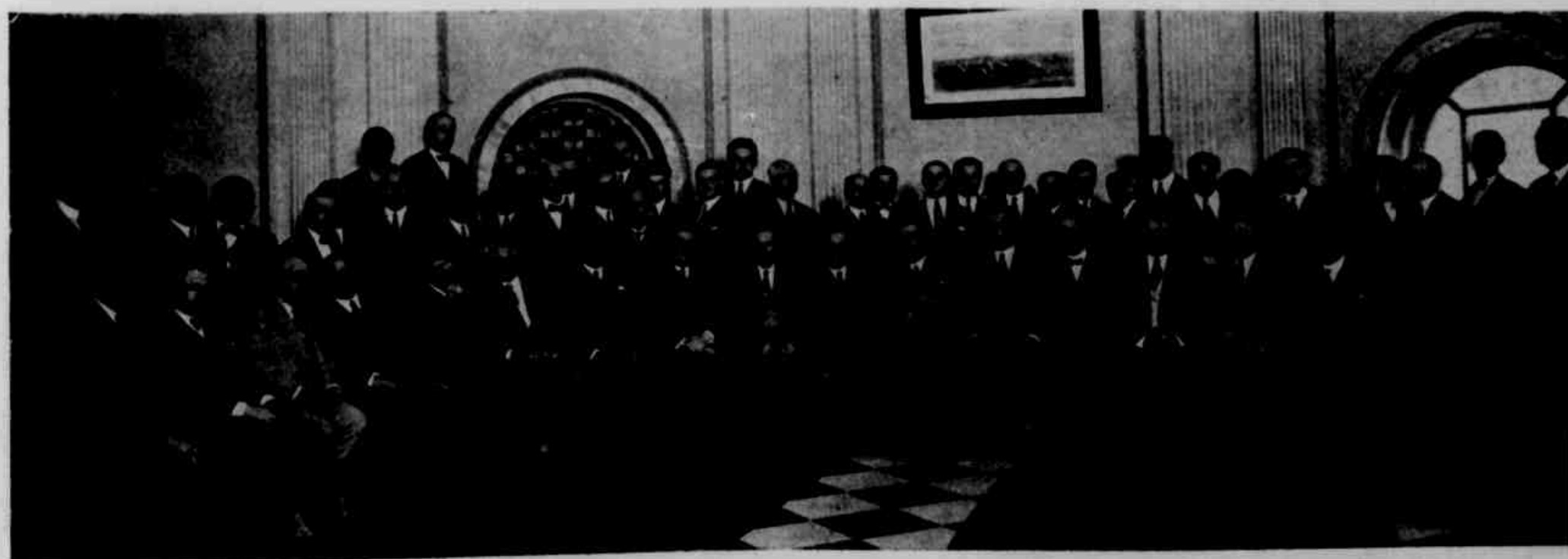
Palavras de Ruy Cirne Lima
Desenho de Sotéro Cósme

CADA angulo, na physionomia torturada, fecha agudamente uma inquietação. Todo o rosto é uma geometria cerebral. Dos olhos — pontos negros — fogem rectas imaginarias.

Mas o poeta móra, na paysagem de idyllio. Lá-longe, o umbú arredonda a copa verde sobre a cochilha voluptuosa. A chaminé fumega, ingenua. Os calungas dansam no muro alvo.

E alto, alto, o coração se confunde com as estrellas.

Posse da nova directoria da Sociedade Brasileira dos Autores Theatraes, presidida pelo senhor Abadie Faria Rosa. Instantaneos quando falava Bastos Tigre, ex-presidente.

O senhor Camille Voullenier entre os amigos que offereceram um almoço pela sua nomeação de official da Legião de Honra

Vamos ter Cinema Brasileiro

Quatro momentos da senhorita Eva Schnoor no film "Barro Humano".

O cinema nacional tem vivido principalmente de photographias nas revistas e nos jornaes. Photographias de interpretes de titulos. "Barro Humano", depois das realisações de Cataguazes, vae ser uma resposta bonita do Rio de Janeiro.

D u v i d a

Desde que amanheceu a minha intelligencia
Em mim tambem amanheceu
Uma implacavel obsessão
Mais forte que eu
Que é esta amarga, esta instinctiva sciencia:
— Observação!
Olhei a vida de olhos serenos
Mas bem abertos e curiosos
Querendo vêr!
Sorvi licores e venenos
Chorei ás maguas, sorri aos gozos
Sempre tentando a vida comprehender...
E cada vez que observava
Alguma dessas infelizes creaturas
Almas sem ideal,
Misera multidão que a Infamia torna escrava
Do fél, da podridão, da immunda lava
Que alaga as suas sendas obscuras,
Triste, a mim mesma perguntava:
Será a vida um mal?!...
Mas si, ao contrario, olhava a estrada lisa
A estrada plana, a larga e clara estrada
Por onde pisa caminha
Caminha e avança
Essa outra multidão, de alma transfigurada
Dos Bons, que a vida tambem tem,
Pensava, reanimada de esperança:
Será a vida um bem?!...
E por viver assim, na duvida envolvente
A que conduz toda observação
Foi que chegou a dominar-me, inteiramente
Esta tortura da Hesitação!...

.. ..

Vida — quanto mais te estudo
Menos te posso entender;
Vida que és nada, e que és tudo
Eu não te "sei" viver!...

LAURA MARGARIDA DE QUEIROZ

(Do livro a sahir: "Canta, meu coração")

Na Associação Brasileira de Educação, quando foi passada pela primeira vez a fita sobre a vida e os inventos de Santos Dumont

Grupo de senhoras e senhoritas que tomaram parte no concerto-festival em beneficio dos orphãos da Escola Alfredo Pinto, a 10 de Janeiro, no Instituto Nacional de Musica.

Theatro da Creança

A cultura artistica deve despertar na alma da creança a ansia natural de perfeição e de belleza.

Visando este esthetico fim, eu faço a tentativa de organizar no Rio o "Theatro da Creança", instituição de educação artistica, que realisará espectaculos semanaes por creanças e para creanças. Os programmas constarão de musica, canto, declamação e dansas.

A Empreza Staffa, pelo seu administrador, senhor V. Giocoli, associou-se á esta obra de cultura esthetica, pondo á disposição do "Theatro da Creança" o Theatro Phenix.

No Theatro Phenix vae ser creado um "Studio de Arte Scenica" para meninas e meninos e para a juventude em geral.

Um espectaculo de cada programma será feito em beneficencia sob o titulo: "A creança rica á creança pobre".

Lançando a idéa, faço o meu ardente appello ás distinctas familias da sociedade carioca para corresponderem com enthusiasmo á iniciativa que vae servir para a cultura esthetica da mocidade brasileira e para o amparo das creanças inditosas, esquecidas pela sorte do destino.

Ao mesmo tempo appéllo amistosamente para o alto espirito artistico dos collegas no dominio da arte — poetas, pintores, musicos — solicitando-lhes a preciosa ajuda na elaboração do repertorio.

Por fim, faço appello á mocidade, a todos os amadores que quizerem aprender a noção da actividade scenica ou aperfeiçoar suas aptidões artisticas. Que elles venham ao novo "Studio" com o fim de concorrer para a formação de um quadro de "artistas" não profissionaes que hão de formar o elenco dos espectaculos do "Theatro da Creança".

Tenho fé que a tentativa vença e tenho esperança que a élite carioca corresponderá com enthusiasmo ao appello em pról da cultura artistica das creanças.

PROFESSOR PIERRE MICHAILOWSKY

De urgencia...

O Rio de Janeiro necessita, urgentemente, de theatros. E' esse, mesmo, um dos prementes problemas da cidade, como cidade. Só se póde contar, no anno que ora se inicia, com o Municipal, o Phenix, o Lyrico, o Trianon, o Recreio e o Carlos Gomes e, ao que se diz, com o Casino. O São Pedro só estará reconstruido depois de um anno, de aturados trabalhos. O Palacio, o São José e o Republica foram invadidos pela damninha praga do cinema. Assim, que para a realização de todas as temporadas que aqui queiram fazer companhias estrangeiras, para todas as iniciativas nacionaes, não contamos, senão, com seis theatros, sendo que um delles ainda se acha em obras, o Casino, outro tem utilisação restricta, o Municipal, dois serão occupados por companhias fixas o Trianon e o Recreio, não restando, na verdade, mais do que dois, o Lyrico e o Phenix, para o resto do movimento theatral, pelo menos nestes primeiros mezes do anno.

Nada se póde fazer deante dessa perspectiva. Nada se póde tentar, e o infeliz theatro nacional marcará passo ou irá florescer em São Paulo, ou nos Estados... O Rio, com todas as suas bellezas, será mais do que nunca a cidade insipida, porque, infelizmente os dirigentes nunca quizeram se preoccupar, a sério, com esse assumpto. Não é de hoje que se alvitra a feitura de uma lei semelhante a que deu hoteis á cidade, concedendo favores especiaes a quem construisse theatros, que não pudessem, de fórma alguma, ser explorados como cinemas. Providencia tão facil e tão util, até agora não mereceu a sympathia e a attenção dos que tudo podem, e dahi essa situação vexatoria para uma cidade do tomo do Rio de Janeiro, e que tamanho prejuizo causa ao desenvolvimento do theatro brasileiro e, por conseguinte, á expansão e refinamento da nossa cultura.

Precisavamos de, no minimo, seis pequenos theatros, typo do do Passeio Publico, nem muito grandes, nem muito pequenos, sem luxo mas confortaveis, e já que a Prefeitura não os póde construir, não era de mais que offerecesse compensações ao capital, para que elle a isso se abalançasse. Não se trata de uma utopia, porque, em differentes épocas, pretensões dessa natureza têm sido vehiculadas até os Prefeitos e se nunca se resolveu nada a respeito, foi porque neste paiz de inertes e inuteis, de ha alguns annos para cá, as iniciativas dos que têm vontade de fazer alguma cousa são taxadas de cavações, parecendo aos nullos, um desafôro, os lucros que o capital e o trabalho, previdentemente, queiram se garantir.

Felizmente, para nós, de longe em longe, passam pela administração publica, homens que não se incommodam com a gritaria dos estereis, agem com firmeza, seguros do vulto e importancia da obra que estão realizando.

O Dr. Antonio Prado Junior é um desses homens raros no nosso meio, e estou certo de que encarará esse problema e o resolverá. Não nos dará, apenas, o São Pedro monumental, cuidará de dotar o Rio, de alguns theatros pequenos, que animarão a vida nocturna da cidade e garantirão á arte dramatica nacional condições de vida e progresso.

M A R I O N U N E S

Lili Brennier do Theatro Recreio. Gósta muito de ser applaudida nas revistas de Marques Porto e Luiz Peixoto. Gósta. Mas está doida para sahir do theatro. O que ella quer mesmo é casar...

MARIO NUNES collou num livro que Pimenta de Mello & C. editaram, as chronicas theatraes por elle publicadas n'*O Malho*, de Junho de 1922 a Dezembro de 1925. Descobriu um titulo optimo: "Pateada". Agora, fica todo mundo sabendo quem é o unico critico sincero de autores e interpretes que o Brasil tem. E' Mario Nunes. Não outro chamado igual a aquelle do *Jornal do Brasil*. O mesmo. Mas o que importa é o caracter. A gente lê "Pateada" de olhos alegres. "Pateada" faz bem. Foi dada com graça. Foi batida com verdade. E fórma sem querer a melhor historia da vida dos palcos e adjacencias cariocas durante tres annos e meio. O publico que enjoou de exgottar lotações precisa exgottar depressa os tres mil exemplares de "Pateada". Porque vem mais. 1926, 1927, 1928 estão esperando nas collecções d'*O Malho*. — *A...*

A «Estrellinha» que cahiu do céo...

(DE BARROS VIDAL)

Fomos encontrar hontem, á tarde, no Flamengo, a "estrellinha" que, cahindo do céo, a um descuido das suas irmãs luminosas, foi tombar nos bastidores do Trianon. E o brilho dos seus olhos, o desembaraço dos seus movimentos e sobretudo a sua vivacidade nos encantaram porque, realmente, olhando o firmamento nunca tinhamos visto uma "estrellinha" assim... E se de longe parece pequenina, perto da gente cresce ao milagre do espirito que scintilla e que lhe reflecte um clarão sobre a figurinha meiga, como agora mesmo ao seu lado sentiamos. A pequenina "estrella" ia falar, pela primeira vez na vida, como artista. Ia conceder a sua primeira entrevista, aos cinco annos, gloria de que muitas vóvós do nosso rheumatico Theatro Nacional não se podem orgulhar. E para nos receber, Marilda, com difficuldade, nos reservára meia hora, roubando minutos de uma aula, instantes de um exercicio e momentos de um ensaio. Quando a defrontamos ella nos estendeu a mãozinha branca, sorrindo e dizendo que não era para todos que ella dava tal opportunidade, só o fazendo para nós, do "Para Todos..."

E foi ainda rindo que começou, cruzando as perninhas:

— Para falar é preciso deitar "pose"?

Ageitando o busto e erguendo a linda cabelleira loira:

— Assim está bem?

Agora, ouvindo-nos, respondeu sem titubear:

— Tenho horror aos dois extremos do Theatro: a revista e o dramalhão...

— Por que?

— Neste, a gente dorme e naquelle, a gente ri... sem saber por que...

— De todos os artistas, qual o que trabalha que você mais aprecia?

E como Marilda nos parecesse indecisa, juntamos:

— Do Oduvaldo? Da Abigail Maia?

Ella, sacudindo os hombros:

— Não gosto do trabalho delles, não...

— De qual é que você gosta, então?

Marilda, superiormente, batendo no peito:

— Do meu!...

• • •

Marilda, que alvoreceu para o Theatro no "cahir da tarde" é uma creaturinha singular que, aos cinco annos de idade, conseguiu ter personalidade. Ella não é uma menina commum, que só gosta das bonecas e que só est- da, porque os paes a mandam estudar. Marilda é uma vocação, uma sensibilidade artistica e um espirito accessivel ás fulgurações da cultura. Aos cinco annos a sua vida já é um exemplo de amor ao estudo, de força de vontade e — surprehendente! — da maior inclinação para o trabalho. E disso é testemunho a circumstancia della, nessa idade, já falar francez, entender inglez, tocar piano e surgir no palco, o papel bem decorado, para brilhar.

Mas, assim como Marilda cumpre seus deveres de menina estudiosa, não despreza as regalias que a ternura maternal lhe offerece, lendo as suas historias predilectas e fazendo os seus passeios pela praia, ao lado da encantadora Jeda, sua maninha querida.

— Do que gosta mais?

— Do nariz do papae e dos olhos da mamãe!...

— O que você sonha para o seu futuro?

E ella, promptamente, empertigando-se:

— O que já sou, hoje...

— O que já é hoje? insistimos.

Marilda, com orgulho:

— Então eu já não sou uma "estrella?"

• • •

Marilda falava-nos, agora, sobre theatro. O que mais aprecia nelle é o "sainete", a comedia- relampago, o sorriso que apparece logo que a lagrima cai.e, sem dar tempo a que se chore...

— Seu papel no "cahir da tarde"?

— E' contrario de mim mesma..

E explicando-se melhor:

— Eu sou mulher e faço papel de homem...

Rindo:

— E sou travessa e appareço como um menino socegado!...

E abrindo as mãos espalmadas:

— Não está de accordo commigo?

• • •

Marilda, agora, se despedia de nós. Estava quasi na hora do ensaio e tinha pressa porque, disse, o papel que estava estudando era de grande responsabilidade. Queria preparar-se a capricho e tão envaidecida estava do novo successo que a esperava na sua segunda representação que, estendendo-nos a mão, rematou, assim, a nossa cordeal palestra:

— Já ganhei muitas palmas e muitas flores...

E pondo nas palavras toda a sua graça infantil:

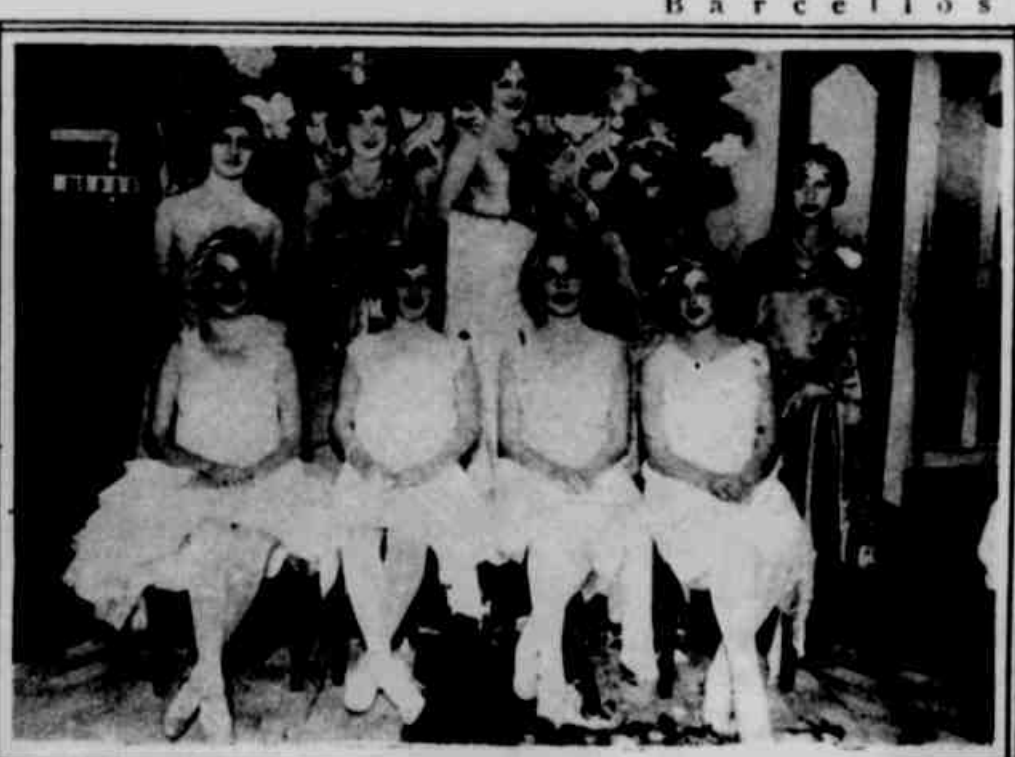
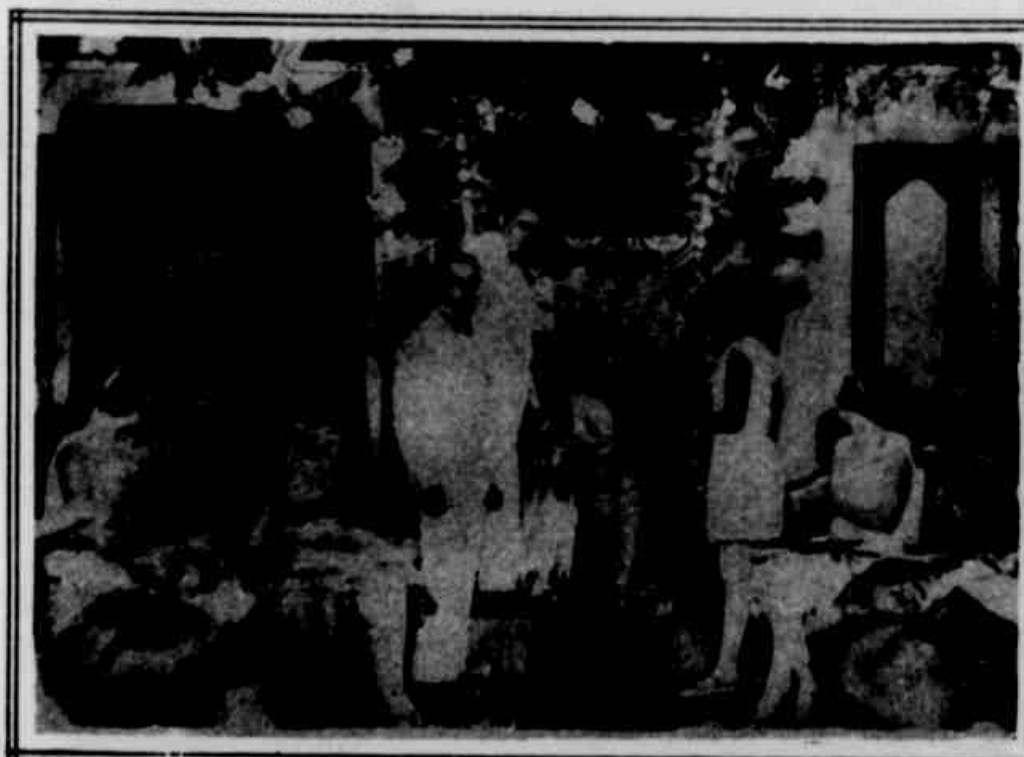
— Agora, ao certo, ganharei bonbons...

DOMINGO DE MANHA EM COPACABANA

INSTANTANEOS PERTO DA MATRIZ DO BOMFIM.

Senhorita Catharina Cassapis
Rainha da Ilha do Governador

Cerimonia da Coroação: O Senhor Eduardo B. da Luz Silva, presidente da Commissão da Festa, colloca o diadema na cabeça da linda soberana.

Princesas: Regina B. Carvalho, Mariquita Paixão, Yolanda Storni, Lourdes Guapiassú. Duquezas: Ambrosina Santos, Zélia Povoas, Maria Cassapis, Ilza Barcellos.

ASPECTOS NOVOS DO MUSEU PAULISTA

Vestibulo e escadaria monumental com as estatuas dos bandeirantes Paschoal Moreira Cabral, Manuel Preto, Francisco de Brito Peixoto. Estão no lance da direita.

Vestibulo e escadaria monumental com as estatuas dos bandeirantes Francisco Dias Velho, Manuel de Borba Gato, Bartholomeu Bueno da Silva, o Anhanguera. Lance esquerdo.

No centro, patamar central da escadaria monumental do Palacio do Ypiranga

Em baixo: a escadaria com as amphoras que guardam aguas dos grandes rios do Bras'l

Na festa dos vendedores de jornaes paulistas, organisada pela "Tarde da Creança". Ao centro, Dona Isabel von Ihering, a querida directora da associação que diverte e instrue os pequeninos ricos e os pequeninos pobres.

Para todos... de São Paulo

Entre os aspectos modernos de São Paulo modernista, um ha que impressiona agradavelmente os visitantes. Desappareceu quasi, do centro urbano, o "garçon" de café e de "bar".

Substituiu-o a rapariga de fórmas attrahentes e cabellos cortados. Chamam-n'a aqui, com certa razão, "a garçonette". E não ha café ou "bar", na cidade, que não possua uma victrola e meia duzia, ao menos, de meninas entre os quinze e os vinte annos, á disposição da freguezia. Quasi todas as que constituem a nova classe são estrangeiras. Nasceram na Polonia umas; outras vieram da Russia. Ha grande numero de hungaras e de filhas das longinquas paragens da Lithuania. Curioso facto observa-se, no entanto. Numa terra onde a colonia italiana predomina esse novo ramo de actividade feminina não attrahiu as patricias do grande Mussolini. Brasileiras tambem são em numero reduzidissimo as que abraçaram esse "metier".

Alegremo-nos com isso, porque a "garçonette" não é uma profissão das mais dignificadoras.

Basta frequentar um pouco as casas de bebidas e os pequenos restaurantes para se vêr a que estão sujeitas essas creaturinhas loiras e de sotaque arrevesado. O homem é quasi sempre audacioso. Assanha-se quando sente "odor di femina". Imagine-se agora a que exaggeros póde chegar elle num ambiente de exaltação para cuja formação concorreram o "wisky", o "cognac", o "vermouth" e os "chopps" duplos. Não sei mesmo como a policia de costumes não intervem. Afinal, trata-se de menores criminosamente aproveitadas em funcções duvidosas. São meninas transformadas em chamarizes para satisfação de lucros de commerciantes inescrupulosos, são filhas de aventureiros sem moral.

Quanto pae não colloca as suas jovens descendentes ao serviço das apalpadellas dos "habitués" dos botequin, na certeza plena de que não faltarão os convites obscuros partidos dos beberrões irreverentes!

E' um espectaculo realmente contristador que nos offerece a civilisação da paulicéa cosmopolita. Quando se vae a um "drink" logo nos surge, com um sorriso maroto e um olhar promettedor, visando a propina generosa, uma pequena de fórmas appetitosas, pernas á mostra até á altura das coxas, vestes transparentes e decote perturbador.

São Paulo creou a instituição das "garçonettes", quasi todas de canella grossa. E' uma nova e aphrodisiaca fórmula de apperitivo offerecida ao instincto bestial, que nem todo o homem sabe dominar.

Se ha, pois, um problema policial que exija, neste momento, a attenção das autoridades responsaveis é esse.

De qualquer maneira a acção moralisadora da policia se impõe, não sómente para impedir o alastramento do mal, como para cohibir os abusos que já se verificam, graças á baixeza de sentimentos de estrangeiros que offerecem suas filhas menores á cupidez de negociantes proxenetas.

Não são os "cabarets", não são os "dancings" que estão a pedir os rigores de uma regulamentação. São essas meninas que apenas desabrocham e que já se vêm encaminhadas para uma vida mais ou menos facil e cheia de seducções enganadoras que

Senhorita Maria Magdalena de Oliveira, alumna da declamadora Maria Escobar Pires, que deu um recital em Ribeirão Preto, no mez de Dezembro.

No Club das Perdizes

Baile de Anno Bom

merecem a protecção das leis já que, para desgraça propria, lhes faltou o amparo de paes dignos.

A "garçonette" não tem culpa e não se poderá accusal-a se, coitada, um dia se encontrar transviada do caminho do bem, em situação de não poder reingressar na sociedade dos preconceitos e das mentiras.

Pobre "garçonette", trocaste a pobreza em que vivias desde quando vieste ao mundo, lá, bem longe lo sol dos tropicos, pela relativa commodidade de uma vida em que os offerecimentos e a irreverencia compromettem a tranquillidade do teu futuro.

São Paulo cosmopolita, São Paulo que cresce ao influxo de civilisações diversas, apresenta desses aspectos dolorosos...

Salvador Roberto.

A FESTA DOS VENDEDORES DE JORNAES

Graças a "Tarde da Creança", a sympathica associação dirigida por Izabel de Azevedo Von Ihering, os pequenos vendedores de jornaes paulistanos tambem foram contemplados com uma bonita festa e com milhares de brinquedos na passagem do Anno Bom.

O grande festival realizou-se no Theatro Colombo, gentilmente cedido pelo seu proprietario, Sr. Mendes, com o concurso das principaes casas de brinquedos e d'"O Tico-Tico", que fez distribuir, gratuitamente, 500 exemplares aos seus valentes auxiliares.

O vestido novo da Cidade

A Prefeitura encommendou á Companhia Mechanica
um vestido novo para a Paulicéa...
Uma noite, eu passei pela Ilha dos Promptos
e vi a terra tremendo e faiscando,
numa sarabanda louca de trabalho;
— homens corriam de um lado para o outro, num serão barulhento
que fazia parar os transeuntes;
os trilhos da Light pareciam dois fios de linha preta
cahidos do vestido velho da noite,
e que iam se misturando com a terra frouxa...
O chão tinha um cheiro bom de festa, uma alegria de casa nova!...
Parei diante de uma turma de homens tagarellas
que revolviam o leito da praça,
e lembrei-me de ter visto, no mesmo dia,
numa rua de bairro,
aquelle mesmo alvoroço de trabalho e de alegria.
Era o prefeito de São Paulo que tinha mandado fazer
um vestido novo para a Cidade.
Daqui a pouco, a Paulicéa vae estrear o seu vestido
de menina bonita,
o vestido que ella merecia
e que vae ser o mais lindo presente do seu dia de annos...

(Dos "Poemas em louvor de São Paulo")

C O R R Ê A
J U N I O R

CLUB DAS PERDIZES

O baile que esta sociedade paulistana realizou no dia de Anno Bom, ficará registrado como uma das festas mais brilhantes que a sua incansavel directoria poude, até agora, proporcionar aos seus associados que constituem um numero apreciavel da boa sociedade paulistana.

Enlace Marianna Salles Filho — Tenente Sylvio Matta

A boa decepção

Ha numa decepção qualquer cousa de doloroso e de grato a um tempo. E' a solução pessimista de uma perpetua duvida. E' o mundo confirmando toda a sua volubilidade, a prova da inconsistencia humana.

Eu creio em Deus, porque se não houvesse Deus em que iria eu acreditar? Tudo quanto elle me diz é verdade: a doçura das lagrimas, a paz do silencio, a grandeza intima do soffrimento, o orgulho do sacrificio, a humildade na riqueza, a simplicidade de coração. Elle me nega a supposta ventura para me dar um grande bem: — a fecunda decepção de quem adivinhou. Elle me faz sentir a belleza das cousas, das creaturas, sem tentar encontrar nellas concordancia de sentimentos, de ideaes. Deu-me a faculdade de vel-as, amal-as mesmo, e tel-as como ém museu, ou abandonal-as depois de lhes haver confiado meu pensamento, minha personalidade, sem comtudo me deixar ficar a cobrar o pagamento do dom. O dom? Digo mal. Não se dá quem, como eu, conversa, ri, chora, soccorre e ama, num espirito puro, bom, simples, sem nenhuma intenção, e que despreoccupadamente vae seguindo o seu caminho.

Penso ás vezes no Judeu Errante. Esta sêde infinita de vagar, de não parar nunca... Esta ansiedade nunca estancada...

Quando me detenho, cansada de ter andado tanto, faz pena o meu ar fatigado, o tormento que arrasto pelo mundo. Estendem-me a mão, — mas eu caminho. Por que parar? Para quê? O mundo é tão grande. A vida é tão curta. As creaturas são tão desgraçadas. Eu tenho que fazer nelle. Por mais que me pareça orgulho, sinto que Alguem me manda caminhar. Caminhar para qualquer cousa de melhor, de mais puro, de mais verdadeiro. Caminhar para onde?

C. P.-C.

Senhorita Luiza Bailly que realisou ha pouco um recital de canto com grande exito no Theatro Guayra, de Curityba

Luiza Annaruma e Paulo Mazzuchelli

Marianna Salles Filho e Tenente Sylvio Matta

Edith Santos Mello e G. Chagas Castro

Nair Scarso e Alfredo Woodo Barcellos

Enlaces

Inah Nobre Mendes e Dr. Alberto Souza

O CORVO

Edgar Allan Pöe

Traducção de Gondin da Fonseca

Certa vez quando, á meia noite, eu lia, fraco e extenuado,
um livro antigo e singular sobre doutrinas do passado,
meio a dormir, cabeceando, ouvi uns sons trémulos, taes
como se leve, bem de leve, alguem batesse á minha porta.
"E' um visitante", murmurei, "que bate, leve, á minha porta
"Ha de ser isso e nada mais."

Bem me recordo! Era em dezembro. Um frio atroz, ventos cortantes...
Morria a chamma no fogão, pondo no chão sombras errantes.
Eu nos meus livros procurava,—ansiando as horas matinaes,—
um meio (em vão!) de amortecer fundas saudades de Lenora,
— bella adorada a quem, no ceu, os cherubins chamam Lenora,
e aqui, ninguem chamará mais.

O estremecer, brando, subtil, dos cortinados rubros, deu
um pavor tétrico á minha alma, um fundo horror que me venceu
Então, fiquei (para acalmar o coração de sustos taes)
a repetir: "E' um visitante, um visitante á minha porta,
"um tresnoitado visitante, aqui batendo á minha porta;
"é isso! é isso e nada mais!"

Fortalecido já por fim, brado, perdendo a hesitação:
"Senhor! senhora! quem sejaes! Se demorei peço perdão!
"Eu dormitava fatigado, e tão baixinho me chamaes,
"bateis tão manso, mansamente, assim de noite á minha porta,
"que não é facil escutar". Porém, só vejo, abrindo a porta,
a escuridão e nada mais.

Encaro a treva longamente, estarrecido, amedrontado,
sonhando sonhos que, talvez, nenhum mortal haja sonhado.
Silencio funebre! Ninguem! De visitante nem signaes.
Uma palavra, só, cortou a noite gélida: — "Lenora".
Eu segredei-a, e num murmurio o echo disse-me:—"Lenora!"
Apenas isso, e nada mais.

Tornei a entrar para o meu quarto, a alma num fogo abrazador,
e novamente ouço bater, ouço bater com mais vigôr.
"Vêm da janella", presumi, "estes rumores anormaes.
"Mas eu depressa vou saber donde procede tal mysterio.
"Fica tranquillo, coração! Perscruta, calmo, este mysterio.
"E' o vento, o vento e nada mais!"

Eis de repente abro a janella, e vôa, então, vindo de fóra,
um Corvo grande e magestoso, — ave dos bons tempos d'outrora.
Sem cortezias, sem parar, batendo as asas triumphaes,
elle, com ar de grão senhor, foi, sobre a porta do meu quarto
pousar num busto de Minerva, — e sobre a porta do meu quarto
quedou, sombrio, e nada mais

Eu estava triste, mas sorri, vendo o meu hospede nocturno
tão gravemente repousado, hirto, solemne e taciturno.
"Sem crista, embora" — ponderei — "embora ancião dos teus eguaes,

"não és medroso, ó Corvo hediondo, ó filho errante de
Plutão !
"Que nobre nome é acaso o teu, no escuro imperio de
Plutão !"
E o Corvo disse: "Nunca mais !"

Fiquei surpreso, pois que nunca imaginei fosse possivel
ouvir de um corvo tal resposta, embora incerta, incomprehensivel
E creio bem que em tempo algum, em noite alguma, entes
mortaes
viram um passaro voar, — voar por cima de uma porta,
e declarar (do alto de um busto erguido acima de uma porta)
que se chamava "Nunca mais".

Porém o Corvo, solitario, essas palavras só murmura,
como que nellas reflectindo uma alma cheia de amargura.
Depois concentra-se e nem move, — inerte sobre os meus
humbraes,
uma só penna. Exclamo então: "Muitos amigos me fugiram...
"Tu fugirás pela manhã, como os meus sonhos me fugiram !"
Responde o Corvo: "Oh ! nunca mais !"

Pasmo ao varar o atroz silencio uma resposta assim tão justa,
e digo: "Certo elle só sabe essa expressão com que me assusta.
"Ouviu-a, acaso, de algum dono, a quem desgraças infernaes
"hajam seguido e perseguido, até cair nesse estribilho,
"até chorar as illusões com esse lugubre estribilho,
"de — nunca mais ! oh nunca mais ! — "

De novo, foram-se mudando as minhas maguas, num sorriso...
Então rodei uma poltrona, olhei o Corvo de improviso,
e nos estofos mergulhei, formando hypotheses mentaes
sobre as secretas intenções que essa medonha ave agoureira,
feia, disforme, e repulsiva, e macilenta ave agoureira,
tinha, grasnando "nunca mais".

Mil coisas vagas presuppuz... Não lhe falava, mas sentia
que me abrazava o coração o duro olhar da ave sombria.
... E assim fiquei devaneando, em deducções conjecturaes,
bem reclinado no espaldar, — a luz da lampada por cima, —
já se não vem reclinar mais.

Subitamente o ar se adensou, qual se em meu quarto solitario
anjos andassem meneando um invisivel incensário.
"Ente infeliz !"—eu exclamei. "Deus apiedou-se dos teus ais !
"Calma-te ! calma-te e domina essas saudades de Lenora !
"Bebe o nepenthe bemfazejo ! Olvida a imagem de Lenora !"
E o Corvo disse: "Nunca mais !"

"Propheta !" — brado. "Anjo do mal ! Ave ou demonio
irreverente
"que a tempestade ou Satanaz aqui lançou tragicamente
"e que te vês, soberbo e só, nestes desertos areaes,
"nesta mansão de eterno horror ! Fala ! responde ao certo !
fala !
"Se acaso ha balsamo no mundo, eu terei paz um dia ! Fala !"
E o Corvo disse: "Nunca mais !"

"Propheta !" — brado. "Anjo do mal ! Ave ou demonio
irreverente !
"Dize, por Deus que está nos céus ! Dize ! eu t'o peço
humildemente !
"Dize a esta pobre alma sem luz, se lá nos páramos astraes
"poderá ver, um dia, ainda, a bella e candida Lenora,
"amada minha, a quem no céu os cherubins chamam Lenora !"
E o Corvo disse: "Nunca mais !"

"Seja essa phrase o nosso adeus !" — grito, de pé, com
afflicção
"Vae-te ! Regressa á tempestade, á noite escura de Plutão !
"Não deixes pluma que recorde essas palavras funeraes !
"Quero ficar tranquillo e só. Sae desse busto junto á porta !
"Não rasgues mais meu coração ! Piedade ! Sae de sobre
a porta !"
E o Corvo disse: "Nunca mais !"

E não sahiu ! e não sahiu ! Até agora se conserva
pousado, tragico e fatal, no busto branco de Minerva.
Negro demonio sonhador, seus olhos são como punhaes...
Por cima, a luz, tremendo, espalha a sombra delle no meu
quarto,
e ao lado desta sombra atroz, minha alma, exanime no quarto,
não ha de erguer-se nunca mais !

De Bellas Artes

O ensino do desenho

Em recente estudo sobre o ensino do Desenho nas escolas profissionaes, tivemos a opportunidade de dizer que tudo fazia acreditar na realidade de uma nova éra capaz de resolver o empyrismo da situação. Quando tal coisa affirmamos, não haviamos ainda nos approximado dos elementos que vêm procurando resolver a questão magna do ensino.

A nossa espectativa era unicamente amparada em factores oriundos da observação e convivencia com as questões pedagogicas.

Professor, embora modesto, constatavamos com tristeza as espalhafatosas preoccupações dos pedagogos de ultima hora, preoccupações filhas de exhibicionismo doentio e contagioso, visando unicamente o apparecimento pessoal, embora isso importasse no prejuizo da causa do ensino, em nossa terra.

Para aquelles nada valia o futuro de algumas gerações; o preparo basico das creaturas, entregues aos mestres sem outras preoccupações que o ganho pecuniario, por sua vez, pouco pesava nas consciencias. O mais importante era o rotulo e os proventos conquistados dentro da lei do menor esforço.

A reacção, porém, chegou; os valores foram reconhecidos, e cohesos entraram em lucta franca, transformando o ambiente, neblinoso e restricto, em campo amplo, capaz de receber a semente do bem estar didactico, bem estar correspondente á segurança do futuro de todas as creaturas que procuram na instrucção um amparo seguro. Até então, os elementos capazes de comprehender a causa do ensino bem sabiam como deviam proceder, porém, faltava-lhes o timoneiro seguro com energia capaz de afastar os escolhos da politicagem desenfreada e dos elementos pescadores de situações...

Uma approximação agora proporcionada, nos levou a verificar que as supposições de hontem são hoje uma realidade forte, capaz de conduzir, no terreno do ensino, esta grande terra brasileira á hegemonia Sul-Americana, pois, em outros terrenos ella já a conquistou, quer queiram, quer não, os elementos demagogos e derrotistas!

A reforma radical porque passou a Instrucção Publica Municipal, principia a fructificar; ahi estão as nossas Escolas Primarias mostrando, com exuberancia, resultados magnificos nas suas exposições pedagogicas. A mesma e indiscutivel cópia de qualidades apparece nas mostras de fim de anno das Escolas Profissionaes. Os valores e a mentalidade das creaturas, embora em plena infancia, surgiram atravez dos "tests", mostrando um grão de intelligencia até agora desapercebido. A "Escola do Trabalho", em toda a sua magnificencia revela o que della devemos esperar. Mestres e discipulos á sua sombra completam-se, tornam-se grandes e dignos de mutuo respeito.

Não ha muito tempo, um grupo de professores, na Escola de Bellas Artes, pela iniciativa de um espirito emprehendedor, orientou dentro dos principios da reforma, um punhado de devotadas mestras das nossas Escolas Primarias; com surpresa geral o exito por ellas conquistado excedeu toda e qualquer espectativa, mostrando, mais uma vez, quanto póde a vontade e o valor da mulher brasileira. A finalidade da reforma apparece clara, rica de valores pedagogicos rigorosamente dentro do sentimento das nossas cousas, as adaptações, sempre tão prejudiciaes, não tiveram logar, os recursos especialissimos do ambiente brasileiro foram os elementos componentes do monumento doado á cidade pelo senhor Fernando de Azevedo.

"Recolhimento", obra notavel de Maxence, o grande mestre

Um aspecto interessante nos offerece ainda a reforma, interessante e inedito, que tem passado despercebido. Um inquerito nos revelou o facto, nos mostrou que, precisamente, a questão desprezada era agora a mais focalizada: o ensino profissional.

Constou o nosso inquerito de uma peregrinação pelas casas de livros da cidade; com satisfação crescente constatamos que livros e tratados sobre Historia das Artes, Estylisação, Metodologia, Pedagogia e tantos outros assumptos ligados á nova orientação, haviam encontrado compradores, sahindo assim das empoeiradas prateleiras para o manuseio dos estudiosos.

As jovens mestras das nossas escolas primarias, como por encanto, esqueceram-se da famosa phrase: "Nunca tive geito para o desenho"; phrase que tanto lhes diminuia o valor pedagogico. Hoje, muito ao contrario, o desenho, para a grande maioria, é objecto de sérias cogitações, a sua didactica e finalidade encontram campo vasto para o mais amplo desenvolvimento.

O momento pedagogico vetificado veiu concretizar o conceito de Balzac, que nos ensina serem as revoluções preparadas pelos velhos e realizadas pelos moços. Ruy Barbosa foi o revolucionario theorico, delle é o conceito maravilhoso lançado á publicidade em 1882 e que agora, 47 annos depois, o senhor Fernando Azevedo realiza com rara segurança e grande descortino:

"O dia em que o desenho e a modelação começarem a fazer parte obrigatoria do plano de estudos na vida do ensino nacional, datará o começo da historia da industria e da arte no Brasil".

E ainda mais: "Semear o desenho imperativamente nas escolas primarias, abrir-lhe escolas especiaes, fundar para os operarios aulas nocturnas desse genero, assegurar-lhe vasto espaço no programma das escolas normaes, reconhecer ao seu professorado a dignidade, que lhe pertence, no mais alto grão da escola docente, para a pôr com o magisterio da sciencia e das letras, reunir toda essa organização num corpo coheso, fecundo, parmonico, mediante a instituição de uma escola superior de arte applicada, que nada tem, nem até hoje teve em parte nenhuma, nem jámais poderá ter, com Academias de Bellas Artes, — eis o roteiro dessa conquista, a que estão ligados os destinos da patria. Não é uma aspiração do futuro: é uma exigencia da "actualidade mais actual", mais perfeitamente realizavel, mais urgentemente instante".

Taes palavras foram pronunciadas em uma época rotineira, num tempo em que a menor tentativa para elevar o nivel do ensino profissional era considerada utopia e que pouco impressionava o desejo de impulsionar o mesmo ensino ao ponto merecido.

O ideal do precursor ahi está concretisado na presente reforma, modelo de orientação pedagogica.. Vive ainda o ideal no ensino verificado nos collegios Pedro II e Militar. Neste, a convite do digno cathedratico professor Teixeira da Rocha, verificamos a efficiencia da disciplina e a grande cópia de trabalhos realizados. Verdadeiras revelações fomos ali encontrar. O mesmo grande e sério desenvolvimento foi por nós constatado do Externato Pedro II, principalmente nas classes do professor Benevenuto Berna. O criterio seguido pelo acatado mestre é realmente interessante e revelador de raro conhecimento didactico da disciplina.

ADALBERTO MATTOS.

Panorama

ORIGINALIDADES DO JAPÃO

Uma tradição japoneza que, apezar de todo o progresso occidental do velho imperio Nipponico, ainda é guardada pelos escriptores, obriga-os usarem pseudonymos para assignarem suas obras literarias. Esses pseudonymos são de uma candura e de uma ingenuidade verdadeiramente singulares. Assim, o modernissimo "conteur" Akita Yoadzakon, que vive actualmente em Moscou, tem o seguinte nome na terra das gueichas: "Pequeno Pardal sob a Chuva"; Mobori Lumen, outra summidade das letras nipponicas, chama-se, como escriptor: "Sonho da Aura" e o patriarcha do naturalismo japonez, o grande Tkondu, assigna-se "A Voz do Outomno". Se no Brasil adoptassemos pseudonymos dessa especie para os nossos literatos, provavelmente o querido poeta Olegario Marianno seria o "Malmequer ao Luar"...

A revista de vanguarda literaria e artistica do Japão "Kibouti Kan" tira cem mil exemplares.

Os japonezes adoram os "potins" que elles chamam de "gossips".

A vida dos escriptores é commentada em todos os seus detalhes pelas revistas literarias e os escriptores não se negam a contar tudo que fazem a todos os que se interessam por sua vida, chegam mesmo antes de qualquer indiscreção a annotarem suas obras com pequenas observações de intimidade. Não é nada estranhavel um escriptor no Japão, collocar uma nota como esta á margem de sua obra: "Eu não pude cuidar com mais carinho desta novella, porque desde que comecei a escrevel-a não me largou mais uma terrivel dôr de dentes...

●

UM GRANDE LIVRO MEXICANO

"Indologia" é um livro de José Vasconcellos, o illustre educador e politico mexicano, antigo ministro da Instrucção Publica do seu paiz. De um modo magistral José Vasconcellos traçou nas paginas penetrantes de seu livro o problema integral do futuro da America Latina. Em "Indologia" prediz-se com uma visão admiravel o triumpho definitivo da mistura de todas as raças humanas, que se realizara na America do Sul, quando o calor fôr vencido como vencido foi o frio na Europa, pela sciencia occidental. "Indologia" é um livro generoso e de grande amplitude...

O NOSSO VILLA LOBOS NA EUROPA

Uma das mais notaveis associações artisticas do mundo: Hoch Schule Für Musik, de Berlim, acaba de adquirir para os seus archivos, onde estão guardadas para estudos as obras dos grandes compositores universaes de todos os tempos, tudo que até hoje escreveu o nosso Villa Lobos. Aqui ainda ha gente que não entende Villa Lobos... Os senhores Oscar Guanabarino e Arthur Imbassahy, criticos musicaes, riem-se nos concertos quando se tóca ou se canta qualquer coisa de Villa Lobos...

●

UMA ANECDOTA BEM PARISIENSE

Georges Clemenceau, "o tigre", esse extraordinario gaulez que depois de tantas luctas politicas, octogenario e sceptico, ainda tem tempo para escrever um livro de arte, sobre pintura, recordando o seu bom amigo Monnet, possue em Paris um sozia. Seu sozia, como o velho politico, é tambem chamado pelos intimos de **Père Georges.**

Velho burguez philosopho, elle se acostumou á semelhança que a natureza lhe deu e com vaidade chega mesmo a cultival-a, fazendo-se o mais possivel, até mesmo nos menores tics, um retrato ambulante do grande parlamentar.

Elle, como Clemenceau, recusa-se sempre a dar entrevistas; mas, um reporter arguto acaba de descobrir um detalhe da vida do "bon home", que passa actualmente em Paris, como a mais deliciosa anecdota galante desses ultimos tempos.

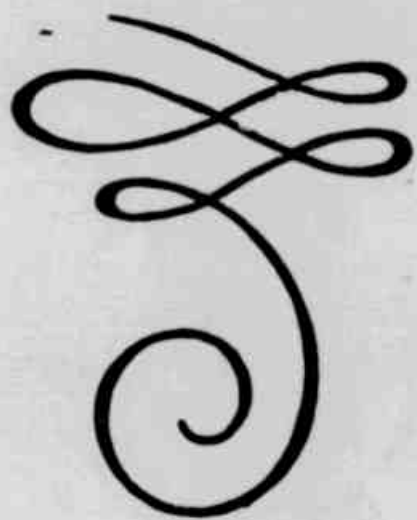
E' que o sozia do Tigre conheceu ultimamente uma velha comediante que em outras éras gozou das intimidades do authentico Clemenceau.

Duas vezes por semana elle vae visital-a com todas as reservas como se fora a personalidade que desejaria ser.

No apartamento da velha comediante, todo cheio de lembranças do passado, o casal evoca o verdadeiro "elle"...

Passam assim horas exquisitas... Acontece, porém, que é dado "á sombra do Tigre" adormecer no antigo sofá onde "elle" nunca adormecera...

Dorme ali o sozia um bom somno. E quando acorda, dizem os indiscretos — murmura philosophicamente, para desculpar:

—Como nós envelhecemos, minha filha!...

De Elegancia

Não tive tempo de obter uma entrevista para hoje. Recebi, porém, a inesperada carta que abaixo dou ás minhas leitoras. Não é grande cousa, mas, á falta de melhor, serve.

"Não me incluiu você na escolha. Que ingratidão! Andou a entrevistar tanta gente, homens e mulheres, e esqueceu-se de mim.

Amuei com isso. Mas já passou.

Você não quiz vir a mim, venho, então, eu a você. E' da escripta.

Quem sou eu? Sou o missivista desconhecido. Para você, porém, levantarei, um pouco, a ponta do véo do anonymato. Sou aquelle que com olhos sempre insatisfeitos (finja que não sabe) a vê passar á porta da "Colombo".

Ah! Já me conhece. Não precisa, portanto, do meu nome em baixo destas linhas.

Já sabe, então, que sou um refinado estheta.

O missivista desconhecido

Em cousas de elegancia, devo ter, pois, opinião muito valorizada.

E você desprezou-a.

Francamente, com essa é que eu não contava.

Levei dias e dias a esperar que você me provocasse a uma entrevista. Mas foram-se os dias, e eu fiquei nisso mesmo.

Não me contenho... Hei de dizer tambem.

Que é a elegancia?

Nada de mais vago, de mais impreciso.

Não é um attributo só humano, nem mesmo só da animalidade. Estende-se tambem aos vegetaes: a palmeira tem sido dada como symbolo da elegancia. E, por ahi além, até ás mais transcendentes e abstractas manifestações do espirito chega a elasticidade do vocabulo.

Assim, se você dissesse que este meu estylo é elegante, dizia muito bem... ao menos para mim.

A elegancia de que você trata é, po-

rém, ou, melhor, é restricta. Mas, ainda assim, definil-a é mais difficil do que parece.

Pelo processo da exemplificação seria, entretanto, facilima a tarefa.

Cada qual tomaria um typo, o da occasião, e diria, apontando-o com o dedo, a elegancia é isto.

Eu tomaria a você.

Duvida ?

Pois sim. Está certinha de que digo a verdade. Certinha da Silva.

Esse processo, porém, apresenta um grave defeito — o da necessidade do modelo para transmissão da idéa. Ora, ainda que fosse possivel, seria inconvenientissimo andar a gente, por toda a parte e sempre, com taes modelos.

Dahi a necessidade de uma generalização que diga a cousa do melhor modo possivel mesmo que não a diga bem.

Examinando, então, o caso sómente dentro da restricção com que você o apresenta, que se vê ?

Serão condições essenciaes da elegancia — belleza de rosto, gentileza de modos, de gestos, de andar, bom gosto no vestir, flexibilidade de musculos, movimentos lestos, mas sem precipitações nem arrancos ?

Toma-se, pois, um homem ou uma mulher (melhor será uma mulher) com todos esses predicados.

Vae você agora tiral-os todos.

Aqui está ella despida, immovel, em posição que lhe não deixa visivel o rosto.

Poderá, assim, conservar-se elegante?

Se você responder pela affirmativa, a consequencia será que a elegancia, para se manifestar, não precisa de nada daquillo que tanta gente com tanto esforço procura obter.

Prevejo-lhe a agudeza da replica: então uma mulher feia, de modos, gestos e andar desgraciosos, de musculos rijos, de movimentos pesados, de máo gosto no vestir, póde, apezar disso, ser elegante ?

Não sei. Isso não é commigo.

Aquella conclusão derivou, logicamente, da premissa que tomei como acceita por você.

Negue-a, então. Negue que uma mulher despida, immovel e com o rosto encoberto possa ser elegante.

Não. Não negou nada. E' melhor.

Prefira admittir que a elegancia é a esbelteza, a proporcionalidade airosa das linhas do corpo realçada por aquellas condições de principio indicadas, e por outras que você bem conhece. E, assim, continuará tão vago e impreciso o que se quer definido.

Para sahir da difficuldade proponho, porém, que você confesse que, se não é possivel definir, convenientemente, a elegancia, póde-se, ao menos dizer da impressão que ella causa: é a que você recebe quando dá, com a sua imagem num grande espelho, e a que não falta em cada caso particular a todas as suas leitoras."

—

Está conforme.

■

O Club de Regatas Botafogo está organizando para sabbado, 3 de Fevereiro, um grande baile á fantasia. Os salões serão caprichosamente ornamentados por artista de valor.

A Directoria do Club proporcionará, assim, festa lindissima aos seus socios e convidados.

■

Os mais bonitos modelos de vestidos da semana foram vistos nos salões do cabelleireiro A. Fadigas.

■

A "Casa Machado" recebeu nova collecção de rendas de seda e de outras especies, para vestidos e "lingérie".

■

Além dos figurinos de vestidos de baile figura nesta pagina um modelo para caminho de mesa, bordado a "crochet filet", na cercadura. O panno preferido deve ser "toile fise". "Richelieu" é o bordado do centro rodeado de pontos de nó. A linha grossa, lustrosa, irá muito bem e realçará o desenho.

■

Obrigada pelos cumprimentos de boas festas de: A. Fadigas, Itajubá Hotel, Automoveis Stutz Hudson Essex Super Six e A. Dorét.

SORCIÈRE

As bodas de outróra

(C O N T O)

Por SARA INSÚA (Hespanhola)

— Tu por aqui, Antonino? Que fizeste daquella loura que andavas acompanhando todos esses dias?

O interpellado saudou o grupo todo com um sorriso cordial; accommodou-se numa poltrona, e, fazendo com os labios uma carêta desdenhosa, respondeu:

— Deixei-a.

— Por que, homem? Uma menina bonita, elegante, e...

— Encantadora; mas não tem fortuna.

— Ah! Então fizeste bem... responderam em côro os companheiros todos do grupo, rapazes ainda, pois eram os socios mais moços do Casino.

— Dá gosto ouvil-os — disse, de subito, uma voz zombeteira.

— Ah! E' o senhor, Dom Germano; por que diz isso?

O recem-chegado era um homem de mais de cincoenta annos, alto e delgado, de cabello grisalho e olhos azues, de pupillas enigmaticas e inquietantes.

— Por que digo isso? — perguntou por sua vez. — Porque é verdade; dá gosto vêl-os tão formaes, tão precavidos, sem que sequer se apaixonem, não tendo garantias... No meu tempo, nós tinhamos mais coração e eramos menos positivos.

— Oh, no seu tempo, Dom Germano! — interrompeu com emphase Antoninho. — No seu tempo, aconteciam umas cousas...

— Pois é, menino — respondeu Dom Germano, — aconteciam muitas cousas. E, si vocês me arranjarem um logarzinho a seu lado, poderei contar-lhes um facto que se deu justamente commigo.

— Como não! Com o maior prazer! Sente-se nessa poltrona.

Dom Germano sentou-se, e começou:

— Ha trinta annos, eu era um modesto empregado do Governo, com um pequeno ordenado mensal. Para aquella época era mais do que sufficiente; então, a ambição não nos atormentava tanto como agora: eramos felizes com pouca cousa. Eu, pelo menos, sonhava apenas com um lar tranquillo e uma mulherzinha que me amasse...

Não se riam; é que eu, como muitos dos meus companheiros, tinha na mesa de cabeceira um volume de Becques e outro de Campoamor... Não nos envergonhavamos de ser romanticos. No emtanto, aos 23 annos, eu ainda não me apaixonára sériamente.

Mas, senhor, — dizia commigo mesmo — onde estará essa mulher que me faz tanta falta?

Ella não se fez esperar durante muito tempo.

Appareceu numa manhã; verão como. Eu estava com varios companheiros, esperando a hora de entrada, em frente ao Ministerio, quando Ella passou.

Esbelta, de bôa estatura, morena, de olhos escuros, profundos, e labios rubros, embora não muito pronunciados.

Não era uma dessas mulheres que deslumbram os olhos; era necessario reparar nella para vêr que era bonita. Talvez por isso, passou desapercebida para todos, menos para mim...

Não; nada de fréchada; uma impressão agradavel sómente, e si não tornasse a vêr...

Mas tornei a vêl-a na manhã seguinte. Ella percebeu a minha admiração muda e sorriu ao passar, fitando-me com os seus olhos escuros.

Isto se repetiu algumas manhãs, e eu comecei a tomar a cousa a sério.

A pequena agradava-me e, pelo visto, eu não lhe era antipathico. Por que não approximar-me?

Eu não era um rapaz timido e possuia uma facilidade de palavra que fazia inveja aos meus companheiros de repartição.

Aquella "conquista", no emtanto, produzia-me certa inquietação. A menina parecia-me uma simples aprendiz de costureira; mas o seu aspecto, a sua maneira de vestir, toda a sua figura estava impregnada de certa distincção que a differenciava das suas companheiras.

Afinal, um dia, decidi-me a abordal-a. Acolheu-me com agrado, mas sem facilidade. De facto: era costureira de roupa branca; cosia em casa e entregava o trabalho todas as manhãs, porque não lhe agradava andar sósinha de noite. Orphã de pais, morava com uma irmã de sua mãe, em uma casa de bôa apparencia, onde alugavam quartos a pessôas de modestos haveres.

Disse-me tudo isto com uma voz suave e meiga, levantando de quando em vez o olhar investigador para mim, e sorrindo com um sorriso sincero e franco que me encantava, porque até então, todas as moças da sua classe que eu conhecera, eram desvaradas e coquettes, ou excessivamente sérias.

Despedimo-nos, marcando um encontro para o dia seguinte. Eu estava convicto de que havia de querel-a muito. E não me enganei. Fomos noivos durante seis mezes; o nosso idyllio foi logo autorizado pela tia, bôa e sympathica mulher, com a qual fui depressa falar, oito dias depois de conhecer minha noiva.

Foram mezes deliciosos.

Passeavamos juntos, merendavamos no campo, — sempre em companhia da tia — amavamo-nos e, em summa: eramos felizes. Que mais eu poderia desejar. Uma mulher bonita, laboriosa, e, sobretudo, bôa. Eu possuia algumas economias e podia, portanto, fazer face ás despesas da bôda.

Quando eu lhe disse isso, communicando-lhe o meu desejo de a effectuar quanto antes, — parece-me que ainda a vejo — num impulso de gozo e agradecimento, tomou-me as mãos entre as suas, quiz dizer alguma cousa, mas não poude; os seus olhos profundos envolveram-me num olhar de ternura infinita de lagrimas...

Os preparativos se fizeram rapidamente. Ella coseu o seu modesto enxoval e seu vestidinho de lã negra. E chegou o dia desejado: o dia do casamento.

Realizou-se bem cedinho, ás oito horas da manhã, numa igrejinha modesta.

Ella não quiz saber nem de festas, nem de convidados, devido ao luto que ainda trazia por sua mãe.

Pediu-me apenas para passarmos os primeiros dias de casados no "Esiorial", onde a sua tia possuia uma casinha alugada para o verão.

— E' tão lindo o outomno na serra! — disse-me ella.

Pedi e obtive quinze dias de licença, e, poucas horas depois do nosso casamento, o trem nos conduzia até a estação de Real Sitio. Tomámos um carro para a aldeia. Quando lá chegamos, anoitecia.

Minha mulher guiou-me por umas ruas mal illuminadas; deteve-se em frente a um portão de ferro; empurrou-o, fazendo soar a campainha e entrou.

Puxando-me pela mão e quasi correndo, fez-me atravessar um jardim e subir uma escadaria de pedra.

Attonito, sem saber o que pensar, achei-me num amplo vestibulo, ricamente mobiliado. Um creado de libré tirou-me a sorrindo.
valise da mão; minha mulher olhava-me,

— Vem — disse-me.

Segui-a, sem comprehender o que se passava.

Entrámos numa sala; minha mulher mostrou-me dois grandes retratos a oleo.

— Meus pais — disse; — os donos desta casa que tambem é tua agora.».

E como eu lhe pedisse uma explicação, continuou:

— Ambos morreram, deixando-me com

vinte e dois annos e dona de uma fortuna muito grande.

Um anno após a minha desgraça, foi quando te conheci. Naquelles dias, eu ia todas as manhãs a São Luiz; por isso passava pela Porta do Sol.

Notei que tu me olhavas, achei-te sympathico, averiguei quem eras e pensei: "Vejamos si consigo que me ame só por mim".

A comedia não me custou muito; arranjei em casa, porque a de Madrid tambem é nossa, o quarto onde te recebia, fazendo passar por minha tia a minha velha ama, que está comnosco desde o casamento dos meus pais; preveni tambem o porteiro e os que pudessem falar comtigo; e como vês, o resultado foi optimo. — Fez uma pausa. Eu não sabia o que dizer; a emoção paralysava-me os labios, e olhava para minha mulher cheio de assombro e admiração.

— Eu o enganei, Germano — proseguiu ella — mas tu me perdôas, não? Eu desejava um marido que só por mim me amasse. Fiz mal?

Que nobre coração! Da rica herdeira eu não ousaria approximar-me.

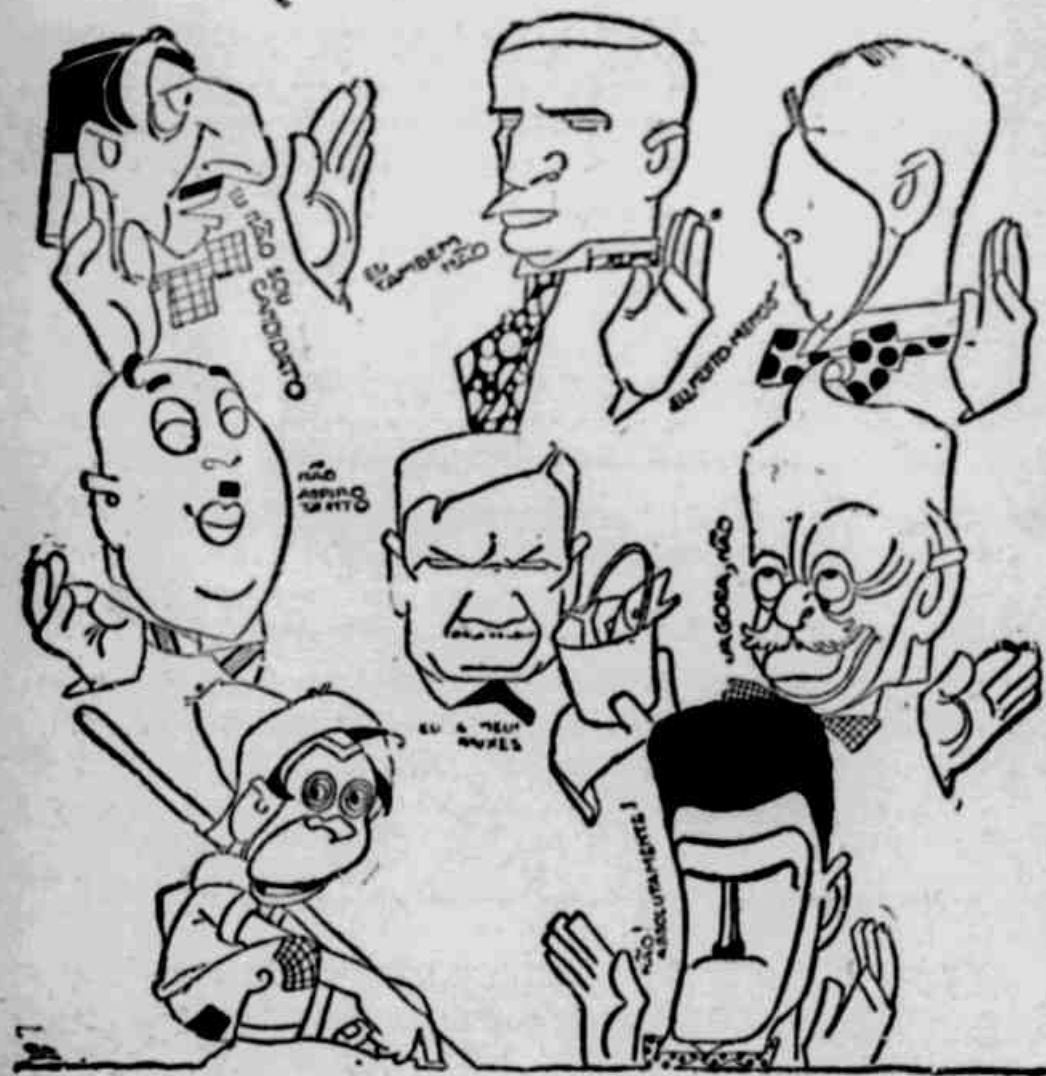
Porém ella, com o seu tacto e a sua argucia, logrou supprimir a distancia que nos separava, para que o amor nos igualasse.

E o amor nos igualou tão fortemente, que não somos senão uma alma, e que alma, — imaginem! formada por duas que já eram tão grandes...

Trinta annos de felicidade obsoluta, meus amigos, e agora é que começaram as nossas preoccupações. Temos tres filhos: dois meninos e uma pequena encantadora; cada um, com muito maior fortuna do que a de minha mulher, porque eu não me dediquei a viver da renda: augmentei-a, trabalhando.

E agora, dizei-me: ha probabilidades de que um dos tres, ao menos, faça um casamento tão desinteressado como o de seus paes?...

Traducção de: Anelêh".

1929.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

DE MUSICA

Conforme promettemos no momento opportuno, vamos aqui transcrever algumas referencias feitas por jornaes de Vienna, á joven violinista brasileira, Rosita Kanitz, ha pouco regressada, e que naquella Capital realizou o seu recital de apresentação, em Novembro do anno passado:

São do *Viener Salonblatt*, as palavras seguintes: "Rosita Kanitz, joven brasileira, honrou sobremaneira seu excellente mestre, o professor Zimbler. Perfeita technica e manejo de arco, temperamento fogoso, associados a um pronunciadissimo gosto, garantem-lhe um bellissimo futuro."

Antes de proseguir nas transcripções, vale a pena assignalar a facilidade com que o *Viener Salonblatt* chama para Zimbler toda a gloria de ter sido o professor de Rosita Kanitz. A grande verdade, entretanto, é bem differente. Rosita daqui partiu como Primeiro Premio do nosso Instituto, onde cursou as aulas da classe do professor Chiaffitelli. Terminado o curso seguiu para a Europa, tendo tomado alguns conselhos com grandes mestres do violino, entre os quaes Zimbler. Entretanto, para o jornal viennense, a este só cabe a gloria de ter sido o professor da violinista... Já que não se fez menção ao nosso Instituto, de onde, no fim de contas, sahiu a artista, melhor seria que nada mais se dissesse nesse assumpto, como o fez o *Der Tag*, nestas linhas:

"Um temperamento apaixonado. Essa violinista está predestinada a um brilhante futuro, pelo facto de apresentar uma individualidade ardente, pelo manejar facilimo de suas arcadas — que chegam, ás vezes, até a dar mostra da mais completa despreoccupação — pela sonoridade dôce do seu tocar e maneira de interpretar, sabendo com tudo isso prender a attenção do auditorio."

O *Wiener Gesellschftsblat*, disse:

"Nas columnas do nosso ultimo numero, trouxemos o retrato e um artigo referente á joven brasileira Rosita Kanitz, *virtuose* do violino, descrevendo sua personalidade e seu desenvolvimento artistico.

Motivo para isso proporcionou-nos a sua estréa em Vienna, no dia 5 de Novembro, na grande Casa de Concertos. Nella, reconheceu-se uma artista de dotes extraordinarios, uma violinista de escol, cuja technica brilhante, execução finamente artistica, interpretação musical muito claramente comprehendida, causaram pouco enthusiasmo. Admiravel segurança, apresentou, sobretudo na reproducção do excessivamente difficil 1º Concerto de Wieniawsky, a cuja execução só se arriscam artistas de primeira grandeza."

Finalmente, segundo palavras do *Oest Sonntag Zeitung*, Rosita Kanitz, talento violinistico, mereceu animadissimos applausos.

O momento é das transcripções; e, assim, não nos furtamos ao prazer de aqui reproduzir mais algumas criticas feitas á arte de Innocencia da Rocha, conforme nossa promessa do numero passado.

Execução nitida, brilhante e morbida, vigor extraordinario, delicadeza não commum — disse o *Mensageiro*, de Roma — precisão absoluta, elasticidade e quadratura rythmica, se alliam nella a uma intelligencia interpretativa, que lhe permitte traduzir com muita justeza estylistica composições muito diversas entre si: classicas, romanticas e modernas.

La propaganda musicale, tambem de Roma, assim se manifesta: Espirito ecletico e versatil, não ha musica que ella não interprete com pureza de estylo, com maestria e com prompta habilidade. Seu instincto musical é, segundo

um critico francez maravilhoso. Sua technica, segundo outro, é impeccavel. Seu jogo pianistico, segundo outro ainda, brilhante. A sonoridade clara, crystallina.

Glachant, que é um critico dos mais respeitaveis, escreveu que Paderewsky não executa com mais intelligencia, a sonata op. 58 de Chopin.

Hembert declara que á sua extraordinaria technica reune ella um talento musical singular e uma vivaz sensibilidade.

Um novo nome que tem grande repercussão no mundo con-artistico de Berlim, — affirma o critico da *Allgemeine Zeitung* — é o da joven brasileira Innocencia da Rocha.

Revelou-se um genio surprehendente do piano. Não tem nervos. Quando toca, os "fortissimos" produzem-se sem excessivo esforço, os tons "piano", médios, são sonoros, assim como os graves. Natural como a sua technica é a parte sentimental da sua musica, que tem um quê de original e pessoal. Póde-se falar em uma reflexão sonhadora, em um abandono á expressão musical. Possue tambem muita graça e ao mesmo tempo um rythmo severo.

Innocencia da Rocha, para Gaianus, tem uma technica brilhante, ardente, lucidissima, extraordinariamente viva. Tem viveza de expressão, expressão de um pensamento ou de um sentimento; revelação de um segredo; representação de uma esthetica.

A sua technica é impeccavel — escreveu Karl Brust, no *Der Tag*, de Berlim — o colorido rico e vario e em geral a sua arte é caracteristica.

Para o critico do *Die Wellstadt*, tambem de Berlim, a artista brasileira é uma excellente pianista, dotada de um temperamento extraordinario. O *Carnaval* de Schumann foi interpretado de maneira perfeita, pondo plenamente em evidencia o seu ardente temperamento. Notaveis foram tambem a 2ª *Rhapsodia* de Liszt e a *Troika*, de Tchaikowsky, que agradaram extraordinariamente. Com a execução das peças de Chopin, Bach e Oswald, a noite transformou-se em um verdadeiro prazer para o publico, que applaudiu com verdadeiro enthusiasmo.

O *Berliner Boersenzeitung* assim se expressou: "A joven brasileira demonstrou logo o seu notavel talento com a execução da difficilima *Fantazia e Fuga* de Bach. Poz em evidencia, ao lado de uma technica perfeita, um temperamento forte, sabendo traduzir os effeitos de sentimentos nas passagens cantantes da *Fantazia*. Isso mesmo o demonstrou egualmente no *Carnaval* de Schumann, revelando uma graça poetica e uma sã e cordial frescura nos seus diversos episodios. A marcha dos Davidsbundler, foi executada com tanto sentimento que o publico prorompeu em grandes applausos, plenamente justificados.

Finalmente no *Welt am Montag*, lê-se a seguinte noticia: "A joven pianista começou o Concerto com Bach e tocou-o com a comprehensão e a maestria de um artista maduro e intellectual".

Pelas transcripções que vimos fazendo das criticas européas, tem-se uma idéa approximada da actual Innocencia da Rocha, a pianista prodigiosa, cuja carreira se vae fazendo entre applausos, nos melhores centros musicaes da velha Europa.

No nosso proximo numero traduziremos ainda outras referencias que temos a mão, recebidas ultimamente e referentes aos triumphos por ella conquistados em Versailles e em Bologna.

Apesar de tão joven, Innocencia da Rocha já é um nome respeitado entre as grandes artistas de sua época.

E foi por isso que, ouvindo-a, Maurice Galerne, no *Courrier Musical*, de Paris, proclamava esta verdade que toda a critica européa tem visto e confirmado:

"Chez elle, la valeur n'a pas attendu le nombre des années."

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

DE SOUZA DANTAS (Rio) — O estudo graphologico não poderá ser aqui tão completo como o que diz lhe terem feito ha 3 annos. Seu caracter parece não ter mudado. Continúa methodico, arrumadinho, cuidadoso, amavel, delicado. Sua letra muito calligraphica é uma prova disso, quando não é signal de mediocridade, insignificancia, espirito rotineiro, typo perfeito do futuro chefe de secção de uma repartição qualquer de estatistica.

VIOLETA (Itabyra) — Delicadeza, sensibilidade, franqueza, sentimentalidade, ternura, espirito muito susceptivel, melindrando-se por qualquer cousa. E' franca e sincera, indo direito ao fim que tem em vista, sem subterfugios nem rodeios. Um tanto fantasista e sonhadora, com pronunciada tendencia para os estudos psychicos. Alguma habilidade manual, economia, ordem, e o final de sua assignatura denota que sendo preciso sabe agir com energia, não se dando por vencida nem "deixando parada sem resposta".

CORSARIO (Botelhos—Minas) — Sua graphia é um verdadeiro espelho do seu temperamento nervoso, cheio de complicações de mysterios, de confusões que sua original assignatura corrobora. E' ainda de um egoismo feroz e timido, affectando, entretanto, coragem, incredulidade, scepticismo, quando é capaz até de ter medo de almas do outro mundo... Impaciente, amigo de viajar, tem a mania ambulatoria, a doença dos judeus que não pódem permanecer por muito tempo no mesmo logar. Gosta de divertir os demais nos logares onde se encontra, procurando se fazer notado por seu espirito, no que muitas vezes não é feliz. Tem prazer vendo o proximo cahir nas armadilhas que pacientemente arma, afim de rir da ingenuidade alheia. Procura sempre as linhas curvas ou sinuosas por serem o caminho menos curto entre dois pontos.

ISOLDA (Bello Horizonte) — O que para os leigos em graphologia parece ser uma letra igual a outra, é bem diversa, ás vezes nos seus caracteres principaes. Um technico descobre grandes dessemelhanças entre duas letras que se parecem. Si fôr possivel peça um autographo a esta "certa moça que tem uma letra "perfeitamente igual" á sua e me mande para examinal-o comparando-o com o seu. Vamos ver si ella escreve tambem em linhas sinuosas o que é um signal de impressionabilidade, pouco amor á verdade, finura de espirito. Si é reservada, um tanto inconstante, amiga das redundancias, repetindo o que já disse muitas vezes...

MARGARIDA (São Paulo) — Não se enganou quando disse que eu ia encontrar dissimulação na sua letra. Entretanto, não é sempre, o que denota espirito inconstante. Sua letra ora está vertical, indicando energia, frieza, reserva; ora está inclinada para a esquerda, o que indica desconfiança, contensão, dissimulação. Sua letra arredondada é um signal de bondade, doçura, indulgencia. O que não exclue a energia que se revela no traço com que firma sua assignatura, signal de que não é uma "Maria vae com as outras", tem personalidade definida. Mande dizer si quer o horoscopo tambem, embora este nada tenha de commum com a graphologia, estando muitas vezes em antagonismo com ella.

FRANKLINA (São Paulo) — O numero de linhas que escreveu é o sufficiente para um estudo graphologico ligeiro, como o que é possivel fazer aqui. Sua letra grande indica imaginação ardente, generosidade, prodigalidade, mesmo, grandes aspirações, um tanto de orgulho, clareza, amor ao luxo, ás viagens, etc. Nas linhas ascendentes vejo alegria de viver, esperança, ambição, coragem.

O traço com que termina as palavras fazendo um ponto final no mesmo, é um signal de energia, de força de vontade, de firmeza de opiniões, teimosia, mesmo. No corte dos tt, terminando em pequeno arpão, se revela sua tenacidade, quasi aggressiva em dados momentos. E', finalmente, uma letra de movimentos centrigugos, signal de altruismo, benevolencia, alma grande. Então, a inicial do seu nome é caracteristica neste sentido!

LILA (Minas) — Actividade, cultura, precipitação, enthusiasmo; um pouco de dissimulação e de desconfiança. Alguma bondade natural, generosidade, indulgencia. Ha precisão no que faz, firmeza e reserva.

ULYSSES (Minas) — Energia, frieza, razão, equilibrio, moderação, prudencia, reflexão. Relativa cultura intellectual, amor ao estudo. Tino commercial, um pouco de egoismo, polidez, lealdade, clareza. Uma pessoa, emfim, na qual se póde confiar, sem arrependimento.

MAGDA (São Paulo) — Já tive occasião de attender seu pedido. Tenha a bondade de verificar na collecção dos ultimos numeros do "Para todos.."

FRANCISCO GONÇALVES (São Paulo) — Delicadeza, sensibilidade, alguma indecisão, vaidade, vivacidade, emotividade. Do fragmento de carta que mandou, tambem se conclue que é uma pessoa de pouco cultivo, bondosa, credula, indulgente, impressionavel, um tanto sensual, caprichosa e "coquette".

SOLIDÃO (Villa — ?) — Já tive occasião de lhe responder qualquer coisa e agora que pede seu horoscopo, aqui o tem: As pessoas nascidas em Agosto são apaixonadas, generosas, tendo ainda grande força de suggestão, sympathia pessoal, inspirando assim fortes paixões. Pouco amigas do trabalho, têm, entretanto, grande habilidade manual, só trabalhando, porém, quando instigadas a isso.

Gozam relativa saude, porque soffrem ás vezes de dôres de cabeça provenientes de disturbios digestivos; terão, entretanto, longa vida.

Infelizes no primeiro matrimonio, serão venturosas no segundo, principalmente si conseguirem casar com pessoas nascidas em Setembro ou Dezembro.

D. P. — Espirito lento, ignorancia, insignificancia, calculo, prudencia, timidez. Depressão nervosa, pelo menos no momento em que escreveu as poucas linhas que mandou para estudo, demonstrando uma inquietação qualquer. Nota-se ainda sentimentalidade doentia, franqueza, susceptibilidade. Consulte um medico, pois é bem possivel que esteja diabetico. E' ainda dotado de espirito critico, notando ás vezes erros e falhas onde elles não existem...

GRAPHOLOGO

PÉS DE PAVÃO

UMA MULHER

Ella passou...

Cravou-me até a alma os grandes olhos verdes, deu um sorrisozinho verde de esperança e passou levando nas fórmas arredondadas a musica verde do mar.

Acompanhei-a, mas nem mais um olhar, nem mais um sorriso ella me deu.

No dia seguinte repetiu-se a scena.

Tambem no outro.

E durante muito tempo foi sempre a mesma coisa.

Um dia, decidi-me.

Cosi-lhe nos saltinhos á Luiz XV as pontas dos meus sapatões á Tunney e na primeira occasião tentei, tremulo, indeciso, com menos voz do que acanhamento, um galanteio:

— Senhorinha Esperança...

— Idiota! Esperança!... Esperança é a minha lavadeira.

UM HOMEM

O relogio da Igreja de S. Francisco bateu duas horas. A noite ficou mais quieta ainda.

— O senhor é poeta? — perguntou-me de repente um cavalheiro que parecia esperar um bonde.

— Não — respondi-lhe.

— Nem nunca foi?

— Não.

— ...Nem nunca fez versos?

— Não.

A cara do homem de tragica tornou-se idiota.

— Mas tem um cigarro ahi, não?

— Não. Não fumo e nem nunca fumei.

— Meus parabens! O senhor é um felizardo!...

O bonde chegou. Eu tomei-o e elle ficou.

OUTRA MULHER E OUTRO HOMEM

A orchestra tocava Strauss — Danubio Azul.

Na varanda corria ingranzeu: eram homens e mulheres que conversavam, riam e gritavam.

Entre os velhos, que no salão segredavam coisas que a nossa vã philosophia facil capitula, havia uma mulher pensativa.

Calada, immovel e absorta, tendo sómente a lhe voejar pela physionomia as notas de Strauss, representava o espirito.

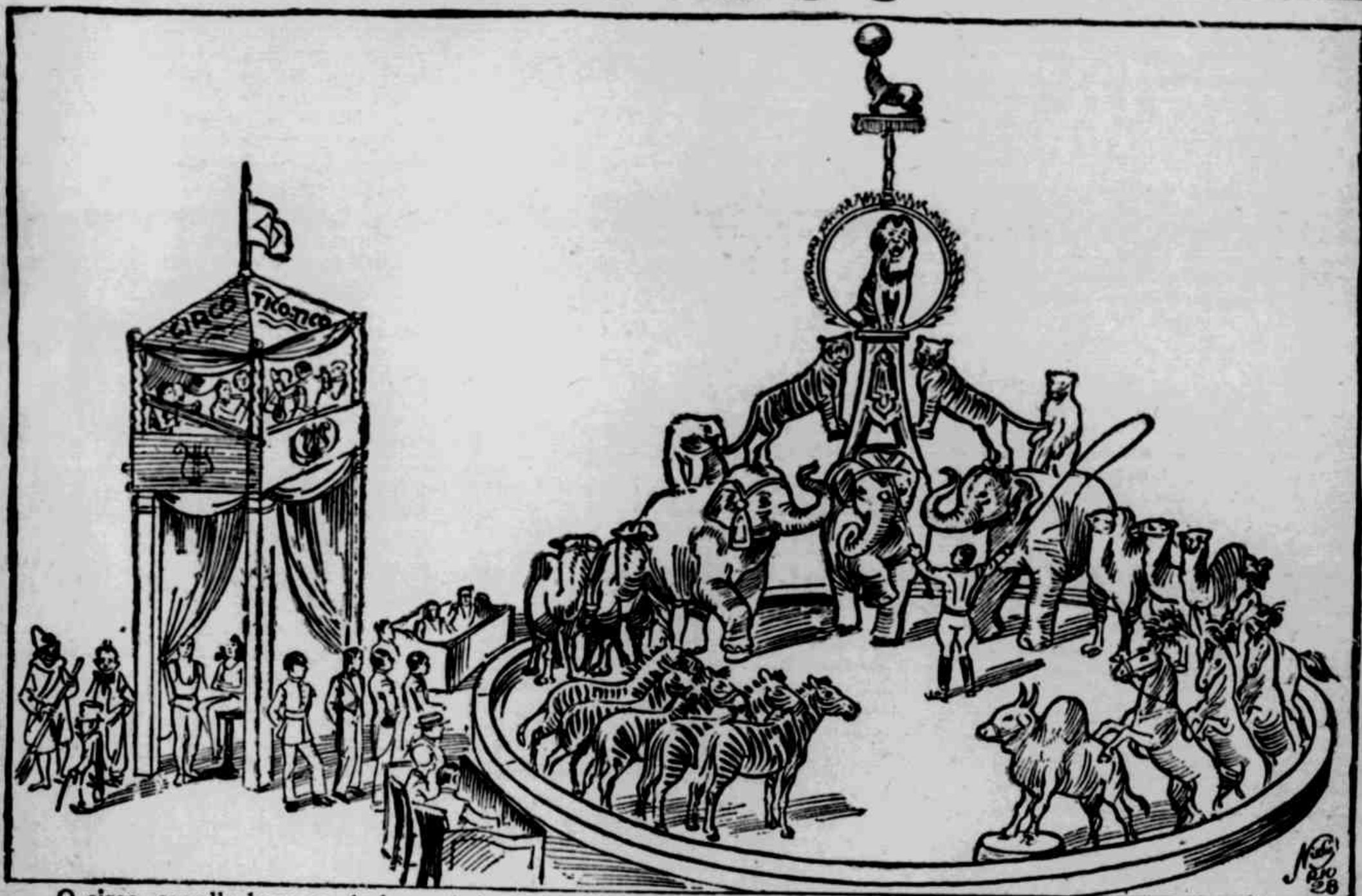
Por que seria que aquella joven estava longe da mocidade?

Amor a musica? Tristeza? Tedio?

Um homem recendendo perfumes e elegancia, que passou por detraz de mim a conversar com alguem, disse:

— Lá está a mulher feia!

ODYR DO COUTO

O CIRCO

O circo, aquella barraca de lona cheia de bandeiras, é o encanto da meninada. No circo mora o palhaço, que dá risadas quando diz cousas tristes e chora quando fala em alegria. Lá estão os animaes amestrados, que dansam e fazem gymnastica, como se fossem gente. No circo está a maravilhosa fantasia que dá a felicidade. E, como a felicidade, o circo nunca demora muito. Vem e vae logo se embora, deixando saudades. Mas as creanças muito breve, no dia 16 deste mez, vão ter a alegria de vêr, de possuir o mais bello dos circos. Um circo com bichos, palhaços, musica, uma porção de maravilhas. O "O Tico-Tico" do dia 16 deste mez vae começar a publicar o circo, de que a gravura acima dá idéa, um brinquedo de armar dos mais interessantes e destinado ao maior successo.

A VINGANÇA DE UMA MULHER INTELLIGENTE...

Maria Luiza estava no seu "boudoir" rico de mulher de bom gosto. Uma luz roxa banhava aquelle luxo raro. Havia quadros, estantes, espelhos e um Buddha grande e ôco, que guardava no seu bojo o telephone branco, todo esmaltado.

Maria Luiza era linda. Linda e intelligente. E estava ali porque se casara com um cidadão de muito dinheiro, bojudo como o seu Buddha e sem espiritualidade nenhuma no cerebro ôco. Casara quasi contra a vontade, depois de um romance de amor que terminou com a morte do primeiro noivo. Desde então o pae começou a lhe procurar um outro marido. E o primeiro que appareceu foi o Manoel da Cruz, o abastado dono dos "Grandes Armazens da Estrella". Um temperamento materialista, completamente differente da mulher que ella era. Um "nouveau-riche".

Com o casamento começou, então, para Maria Luiza uma vida vasia de amor. Uma vida que não era vida de ninguem. Mas agora esse estado de cousas ia acabar.

E' que na vespera, na recepção de uma amiga, conhecera Sylvio Deborda, um literato joven.

A paixão foi reciprocamente enorme. Dominante. E havia motivos para isso. Maria Luiza era alta, morena, de uma belleza quasi classica. E Sylvio era o literato Sylvio Deborda. Um corpo de athleta, encimado por uma cabeça de linhas perfeitas, masculas. Por uma cabeça como deveriam ser as cabeças de todos os Hoplitas poetas da Grecia antiga.

Durante a festa conversaram muito, dansaram e elle disse então para ella palavras amaveis, amorosas, cheias de um encantamento muito suave... Palavras que calaram profundamente no espirito moço e incomprehendido de Maria Luiza.

Amanhã, se ella lhe telephonasse, se encontrariam no appartamento delle, lá no Ipanema.

Maria Luiza estava visivelmente confusa e um pouco atordoada. Não sabia o que fizesse. Punha de cada lado os prós e os contras, analysava muito o que ia fazer.

De um lado via a sua figura exteriormente feiiz, passeando nos salões a sua elegancia gabada; e lá dentro de si uma tristeza enorme, o supplicio grande de viver unida ao marido, que ella achava mais rude que todos os outros maridos.

No outro lado, via a alegria feliz das suas relações com Deborda, servindo de pasto á voragem dessa sociedade que fareja escandalos, á falta de outra occupação. Tudo isso pesava muito na sua consciencia.

A idéa do adulterio lhe parecia quasi monstruosa. Fôra creada num ambiente honesto e lhe repugnavam extraordinariamente estes amores clandestinos.

Emfim, decidiu-se. Não telephonaria. Punha, ali mesmo, ponto final á sua primeira aventura de amor. Não telephonaria para Deborda.

Depois dessas reflexões, Maria Luiza estirou-se mollemente numa "chaise-longue", para descansar o espirito e talvez o corpo. Aquella molleza, o mormaço, aquella falta de animação lhe fizeram mal. E procurou um livro para ler. Um livro de Wilde.

E já estava penetrando no romance, quando a sua camareira lhe veiu interromper com uma caixa bonita, toda forrada de "lamé" dourado: "Está aqui uma encommenda que o Correio trouxe; e lá embaixo tem uma caixa de conservas que o patrão mandou para a senhora. Mas era muito pesada e eu resolvi deixar, lá mesmo na cozinha".

Aquillo feriu-lhe logo o ouvido; uma caixa de conservas mandada pelo marido? ...Mas então isso era presente que se mandasse para alguem?... Ah!... mas aquella caixa de "lamé", seria certamente uma outra lembrança delle; um vestido para ella, por exemplo.

E suas mãos, longas e afiladas, abriram rapidas a caixa bonita. Decepção. Era um bello apanhado de orchidéas e um elegantissimo cartão de Sylvio,

Aquella coincidencia foi um desastre na sua vida. A chegada de dois presentes quasi ao mesmo tempo, o do marido — conservas, — o do futuro amante — flores, — encheu-a de odio.

Que marido! E teve vontade de tiral-o de Buenos Aires (onde estava viajando) e pôl-o na sua frente, para dizer-lhe que elle havia deixado em casa uma mulher e não uma cozinheira; e uma mulher joven, que precisava de agrados e carinhos.

Mas não fez nada disso. Tambem, não podia.

A coincidencia e o contraste dos dois presentes vincaram na sua sensibilidade uma decisão forte. Havia de vingar-se.

Foi ao telephone. O Buddha ia estava de guarda, com um sorriso impenetravel nos labios de bronze.

— Allô... E' Sylvio?...

— Sim... O meu amor vem a Ipanema?...

— Amanhã de manhã, ás 9 horas... O nosso primeiro encontro... Adeus...

E desligou rapida. Parece que envergonhada comsigo mesma.

Mas estava satisfeita. Tinha certeza de ter castigado o marido pelo seu descaso. E principalmente pela estupidez das conservas... Estava intimamente alegre... Si já poderia dizer, como as suas amigas, que tinha um amante...

E o Buddha continuava sorrindo pelos seus labios de bronze. Mas agora sorria um sorriso de escarneo, ou melhor, de ironia... Talvez com pena do pobre e abastado Manoel da Cruz... Aliás, este bem que merecia pena. Neste vasto mundo de Deus elle só tinha de seu, os seus "Grandes Armazens da Estrella" e aquella corrente de ouro, grossa e cheia de brilhantes, que elle usava pomposamente no collete...

DANTE ANGYONE COSTA

PARA A PRINCEZA DO MEU SONHO

Longo tempo vivi qual se fôra uma arvore
hirta
triste
e perdida em meio do deserto;
arvore sem sombra, sem folhas e sem fructos,
arvore desolada e resequida.

Era um bocejo de tédio a minha vida.

Desde o dia, porém, que cruzou meu caminho
uma suave Princeza de olhos tristes.
de cabello doirado como o sol
e de mãos muito finas,
desde esse dia,
passei a ser a arvore boa
que dá sombra, tem folhas e tem fructos,
porque a luz suave dos olhos da Princeza
transmittiram á minha vida
a esperança vitalizadora
que fez de um bocejo um paraiso.

A minha vida é suave e boa como o sorriso...

ALCINDO BRITO.

Do livro a sahir "Poemas da Minha Exaltação".

DANSA DE CABOCLO

Na noite bonita
acordam cantigas.
—(vamo vê planá vassoura
minha Yayá.)

Mulatos suados
com longos penachos.
Mulatos dengosos
em bambos requebros
arco na mão
pra lá

pra cá
—(vasso[illegible] do [illegible]
minha Yayá.)
Corpos de cruzam
com tangos de pena
Mulatos suados
—(ao redó de sua saia
minha Yayá).
o mastro enfeitando
de fitas rodeiam.
O arco se curva.
A flecha faz que vae
mas não vae não.
—(ao redó de seu balão
minha Yayá.)
Pra cá
— plafff.
Pra lá
— plafff.
Na noite bonita
dormem cantigas
— (Yayá ..)

Mulatos cansados
Tangos de pena
Mastro de fita.

ACHILLES VIVACQUA.

ABANDONO...

Ao Brasil Gerson

A mulher que tinha um chale hespanhol passou na rua tristonha e não sorriu mais. Parecia sonhar acordada e os seus olhos estavam vermelhos e brilhantes.

Ella amara a tantos, tantos! Primeiro foi um Valentino de costelletas grandes que quasi lhe arrancou uma orelha com os dentes ponteagudos.

Depois um principe russo authentico que morreu assassinado no café-confortо por causa da bailarina americana.

Mais tarde, um rapaz do "grand-mond": elle amava-a tanto que fugiu com o seu collar de perolas um mez após, quando chovia lá fóra.

Depois... Uma noite ella fitou com os seus olhos lindos aquelle poeta pobre que não tinha dinheiro para mandar imprimir seus versos cheios de encantos e melancolia.

Elle tambem a fitou e sorriu tristemente com o chapéo sujo na mão. Ella tomou-lhe as mãos e o levou ao apartamento estylo oriental.

Tão timido, tão bom o poeta pobre! Ella gostou dos versos delle e mandou-os imprimir na melhor typographia da cidade.

E o livro sahiu lindo e o poeta pobre foi consagrado um mestre da poesia triste.

E elle ficou rico e embarcou para Paris com a actriz principal da companhia de revistas.

A mulher que tinha um chale hespanhol passou na rua tristonha e não sorriu mais. Passou silenciosa como um pneu Ballon no asphalto.

Seus olhos estavam vermelhos e brilhantes e ella soluçava baixinho:

— O meu poeta, o meu poeta!...

GINO CORTOPASSI.

REVISTAS DE TODO O MUNDO

EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.

VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.

MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.

L'ELECTRICIEN — Revista mensal internacional de Electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial, a melhor revista no genero.

REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios francezes.

LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.

LE MONDE-NOUVEAU — Literatura romances, artigos de jornalistas illustres.

CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.

LE SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos

HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pictoresca e autorisada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.

GUTIÉRREZ — Jornal humoristico hespanhol, semanal.

EL ECONOMISTA — Revista semanal scientifica, independente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agricultura, industrias.

MACACO — Jornal das creanças, contos infantis, pintura

NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.

MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.

LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.

ESTAMPA — Revista grafica e literaria, da actualidade hespanhola.

MODAS Y PASATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.

CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.

PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.

EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.

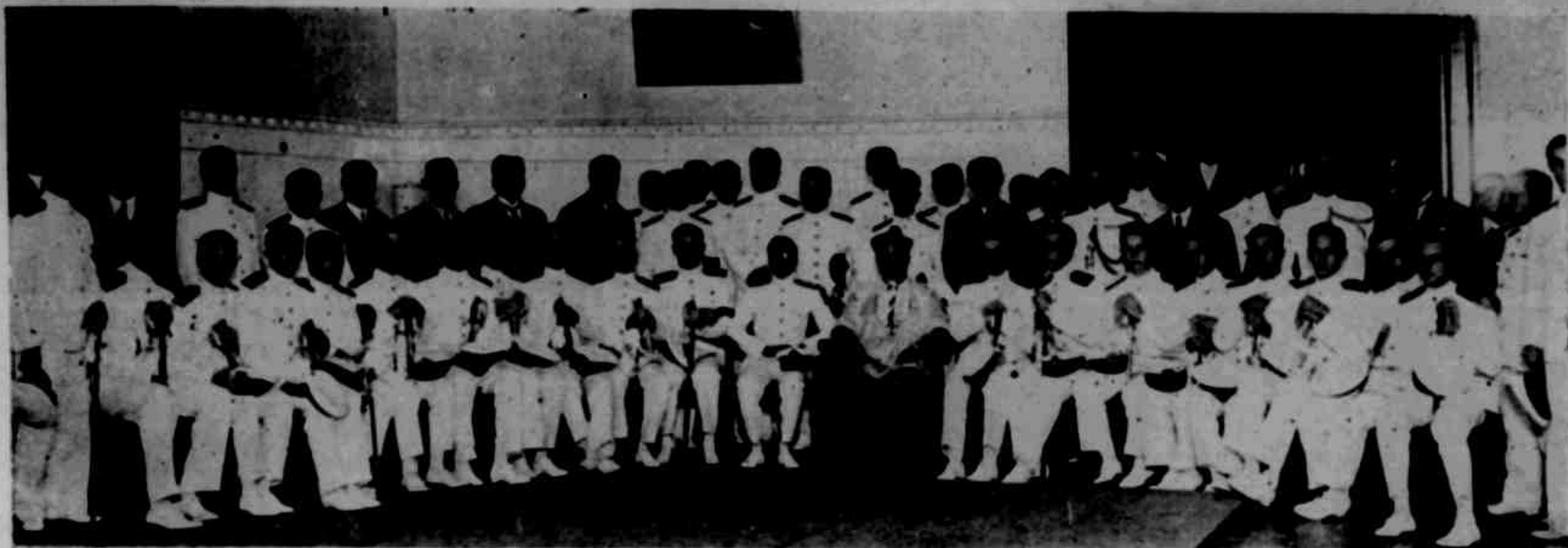
PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paizagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

Casa Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78

O novo acondicionamento do "Sabão Russo"

O Sr. Manoel Luiz Garcia é um dos nossos industriaes de artigos de toilette francamente victoriosos. O Laboratorio do Sabão Russo, de sua propriedade, lançou ao mercado de perfumarias, em tempo ainda recente, o Sabonete "Floril" e a Agua de Colonia "Floril". Estes dois productos ganharam fama rapida, estando hoje na franca preferencia do publico.

Entretanto, o exito dos productos do Laboratorio do Sabão Russo explica-se logicamente com o proposito manifesto do Sr. Manoel Luiz Garcia de nelles pôr o mais honesto carinho. Ainda agora, indo mais uma vez ao encontro dos interesses dos consumidores do Sabão Russo, está apresentando este producto, em fórma liquida, além dos frascos communs, tambem em frascos grandes, o que beneficia ao consumidor por sensivel diminuição do preço dessa quantidade dupla com uma só despeza de embalagem.

Na igreja da Candelaria depois da bençam das espadas dos novos guardas-marinha, á qual assistiu o senhor Ministro Pinto da Luz.

Lembrança da missa que os amigos de Nilo Peçanha mandaram rezar por elle na igreja de São Francisco.

A directoria da Light com os veteranos dos seus empregados

Officinas Graphicas d'O MALHO